



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FASA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO

Entrevista na TV, pauta no jornal
A repercussão na mídia impressa da entrevista de presidentiáveis
no Jornal Nacional em 2010

KARINA VIVEIROS ARAÚJO
RA: 20701496

Brasília,
2010

KARINA VIVEIROS ARAÚJO

**Entrevista na TV, pauta no jornal
A repercussão na mídia impressa da entrevista de presidentiáveis
no Jornal Nacional em 2010**

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Professor Orientador: Luis Cláudio Ferreira

BRASÍLIA, 2010

ARAUJO, Karina Viveiros

Entrevista na TV, pauta no jornal: A repercussão na mídia impressa da entrevista dos presidentiáveis no Jornal Nacional em 2010. Brasília, 2010. 81 páginas.

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, do Centro Universitário de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do professor Luiz Cláudio Ferreira

1. Jornalismo; 2. Mídia; 3. Eleições; 4. Ética; 5. Política; 6. Jornal Nacional.

KARINA VIVEIROS ARAÚJO

**Entrevista na TV, pauta no jornal
A repercussão na mídia impressa da entrevista de presidentiáveis
no Jornal Nacional em 2010**

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Professor Orientador: Luis Cláudio Ferreira.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Orientador: Luiz Claudio Ferreira

Examinador 1

Examinador 2

Brasília, __ novembro de 2010.

Aprendi que é preciso de perseverança e muito trabalho para concluir um projeto. Consegui finalizar esse sonho, o primeiro de muitos outros no porvir. Aos meus pais, irmãos e sobrinhas, à todos aqueles que acreditaram que eu conseguiria chegar até aqui.

Agradecimentos

Uma etapa que para ser concluída precisei de tantas pessoas, as quais seria impossível listar aqui sem correr o risco de esquecer alguém. Entretanto, há aquelas que não podem deixar de serem destacadas. Em primeiro lugar aos meus pais e irmão que sempre acreditaram que eu era capaz e me deixaram seguir meus sonhos e vontades. Obrigada pelo apoio e por me guiarem durante todos esses anos de vida.

Agradeço ao meu orientador Luiz Claudio que me ajudou em todos os momentos, que me acalmava e me mostrava o caminho quando me desesperava. Aos meus amigos e colegas de trabalho que ouviram diariamente cada comentário meu sobre uma nova descoberta numa leitura teórica ou um dado não antes observado.

Meu muito obrigada.

“Há que separar o proselitismo ideológico ou partidário, fraudador da notícia, da perspectiva ética que deve orientar a ação jornalística, que se exige crítica, sim, mas sem fraudar a linguagem do jornalismo, na qual a sociedade acredita.” (Carlos Chaparro¹)

¹ em entrevista ao Comunique-se

Resumo

Analisa como os quatro principais jornais brasileiros (Correio Braziliense, Folha de S. Paulo, O Globo e Valor Econômico) abordaram entre os dias 10 e 12 de agosto de 2010 as entrevistas dadas pelos três candidatos a presidência (Dilma Rousseff, Marina Silva e José Serra) ao Jornal Nacional nos dias 9, 10 e 11 de agosto respectivamente. A partir do embasamento teórico, o leitor poderá discutir sobre a influência da mídia em assuntos políticos e como os jornalistas escrevem para os cadernos de política. Por fim, as questões éticas analisam qual o interesse dos jornalistas e dos políticos ao serem expostos pela mídia.

Palavras chaves: Jornalismo. Mídia. Eleições. Ética. Política. Jornal Nacional.

Índice

1. Introdução	10
2. Mídia e Política	13
2.1 Contextualização Histórica.....	13
2.2 O quarto Poder?.....	13
2.3 Eleições pela mídia	15
3. Jornalismo	18
3.1 A entrevista	18
3.2 Noticiabilidade.....	20
3.3 Telejornal: O Jornal Nacional	21
4. Questões éticas	24
4.1 Imprensa e ética.....	24
4.2 Manipulação da informação	24
5. Eleições 2010	28
5.1 Análise das entrevistas dos presidentiáveis ao JN.....	28
5.2 Os impressos na cobertura	30
6. Conclusão	39
7. Referências bibliográficas	41
8. Anexos	43

1. Introdução

Começou a guerra no Brasil. Diferente das grandes guerras históricas, essa acontece de quatro em quatro anos. Durante três meses, a população é bombardeada por propagandas partidárias, editoriais e matérias da grande imprensa. Grande parte do conteúdo dos jornais é voltado para os bastidores da política e principalmente para os históricos dos candidatos.

Ano de 2010. Segundo o Superior Tribunal Eleitoral², são 135.804.433 de pessoas aptas a votar no Brasil. Neste ano, os eleitores votarão em cinco cargos para o governo regional e federal: três correspondentes ao Legislativo e dois para o Executivo. Entre as preferências, é necessário escolher o presidente da República.

Essa será a sexta eleição direta para o Poder Executivo do país. Será a primeira eleição em que Luiz Inácio Lula da Silva não concorrerá para a presidência. As eleições de 2010 também são marcadas pela participação feminina na concorrência ao cargo: dos três principais candidatos, duas são mulheres.

Os jornalistas políticos acompanham diariamente as atividades nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Durante as eleições, a cobertura dos cadernos de política muda, passa a cobrir as atividades dos candidatos, os feitos nas atividades desenvolvidas anteriormente e também investiga a vida anterior dos possíveis eleitos. O objetivo é que o eleitor não seja enganado e vote em indivíduos que não farão o melhor para o país.

É justamente sobre matérias relacionadas aos presidencialistas que esta investigação está centrada. Mais especificamente sobre as matérias publicadas por quatro jornais diários (Folha de S. Paulo, O Globo, Correio Braziliense e Valor Econômico) no dia seguinte às entrevistas veiculadas no telejornal de maior audiência no ano desse levantamento, o Jornal Nacional da TV Globo, com 125 milhões de espectadores³.

As entrevistas ao Jornal Nacional aconteceram nos dias 9, 10 e 11 de agosto, com os candidatos Dilma Rousseff (PT), Marina Silva (PV) e José Serra (PSDB), respectivamente. Para avaliar a repercussão, são analisadas reportagens veiculadas

² www.tse.org.br, consultado em 30 de setembro de 2010.

³ Segundo levantamento do Ibope.

no caderno de política que tratem dos candidatos nos dias seguintes às entrevistas, ou seja, 10, 11 e 12 do mesmo mês.

O objetivo é avaliar o que as reportagens dos jornais enfocaram a respeito das entrevistas feitas na TV. Metodologicamente, a análise de conteúdo se fundamenta a partir dos destaques positivos, negativos ou neutros das imagens dos candidatos.

Os quatro jornais escolhidos para serem estudados, Folha de S. Paulo, O Globo, Correio Braziliense e Valor Econômico, foram elencados em virtude de alguns motivos. A seleção foi motivada pela história, qualidade das matérias, tiragem, localização das redações nos principais centros políticos do país, qualidade das matérias e público-alvo a que se destina o conteúdo.

A Folha de S. Paulo é o maior jornal impresso do Brasil e está entre os maiores do mundo: são mais de trezentos mil exemplares⁴ impressos diariamente. O jornal foi fundado em 1921 por Olival Costa e Pedro Cunha, com o nome de Folha da Noite. Em 1962, Carlos Caldeira Filho e Octaviano Frias de Oliveira compraram o impresso, e o rebatizaram pelo atual nome: Folha de S. Paulo. É o único grande jornal brasileiro que ainda tem a figura do *ombudsman*.

O Globo começou a circular em 1925. A família Marinho, fundadora do jornal, também foi a responsável pela criação da TV Globo, Radio Globo, Editora Globo e outros veículos da rede. Em 1989, O Globo passou a ser o segundo maior jornal do país, lugar que pertencia ao extinto Jornal do Brasil. A tiragem do Globo atualmente é de 277 mil exemplares⁵ diários.

Pertencente ao Diário Associados, o Correio Braziliense foi fundado em 1960, por Assis Chateaubriand. O nome veio do histórico Correio Braziliense de 1808, o qual era editado em Londres. Na década de 90 até 2003, o jornal era considerado o melhor em design gráfico dos jornais brasileiros pela *Society for News Design*. O Correio tem uma tiragem média de 58 mil exemplares⁶.

O Valor Econômico é o mais novo dos quatro jornais, começou a circular em maio de 2000. O periódico pertence (em partes iguais) ao Grupo Folha e às Organizações Globo. Diferente dos outros veículos analisados é um jornal com um

⁴ Dados do IVC (Instituto Verificador de Circulação).

⁵ Segundo a Revista Exame de abril de 2010.

⁶ Segundo IVC de setembro de 2009.

público alvo mais definido, a elite econômica, por isso as matérias são mais técnicas e aprofundadas que dos demais. A tiragem diária equivale a 55 mil exemplares⁷.

Esta monografia elenca os elementos do jornalismo político, traça um breve panorama histórico, aponta os princípios éticos do jornalismo e analisa as reportagens citadas.

⁷ Informação da Associação Nacional dos Jornalistas (ANJ).

2. Mídia e Política

2.1 Contextualização histórica

O primeiro jornal brasileiro, Correio Braziliense, foi publicado fora do país, surgiu no ano em que a corte portuguesa transferiu-se para o Brasil em 1808. Apesar de ser um jornal com notícias do país, o Correio era escrito, editado e distribuído em Londres. O primeiro jornal a ser produzido em território nacional foi o Gazeta do Rio de Janeiro, também no ano de 1808. O impresso tinha como objetivo publicar os decretos da Corte e a divulgar as atividades da família real.

Em 1821 surgiram novos jornais, grande parte ligada ao movimento libertário e à maçonaria. Até dezembro de 1822, o número de periódicos aumentou para vinte. Esses jornais tinham um curto período de vida e o formato diversificava-se em panfletos e pasquins. (Sodré, 1999)

Em 1875 começou a circular em São Paulo o jornal nomeado de *A Província de São Paulo*. O periódico publicava a defesa da liberdade dos escravos e também transpassava as idéias republicanas. Em 1891, esse jornal passou a se chamar de *Estado de S. Paulo*. Foi apenas no início do século 20 quando a imprensa passou a ter uma estrutura empresarial.

Em 1920 o rádio chegou ao Brasil, mas a partir dos anos 30 o veículo se popularizou e deu início a era da comunicação de massa. Em 1950 a televisão chegou ao país, mas a partir dos anos 80 o sistema de mídia no Brasil atingiu todo o território, com a televisão sendo o lugar central no mercado nacional de entretenimento e informação (Abreu, 2002).

2.2 O quarto poder?

O desenvolvimento dos meios de comunicação modificou o ambiente político. Através dos veículos de comunicação de massa, o político ou governante passou a comunicar-se diretamente com o público. Para Joshua Meyrowitz (1985), com a televisão, rompeu-se a segmentação dos públicos. Assim, os discursos políticos também foram modificados e passaram a apresentar características mais intimistas, já que o mesmo também visualizava o telespectador.

Todos os jornais trazem informações sobre política, independente da tiragem ou do número de espectadores. O debate político é sempre escrito nos jornais diários, a televisão veicula histórias e o rádio comercial transmite notícias a cada hora. É por meio desses cadernos informativos que a sociedade tem conhecimento dos assuntos que são debatidos no Congresso, atos do presidente ou atos ministeriais e em menor escala, grandes escândalos políticos em cidades pequenas.

Entman (1994) afirma que o enfoque dado nas matérias ajuda a não apresentar todas as informações, principalmente aquelas que não interessam ao grupo de controle da mídia.

Mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrando ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade (BOURDEU: 1997. p. 24)

Ricardo A. Setti (2005), em artigo escrito no Observatório da Imprensa analisa que os jornalistas escrevem para um público que tem conhecimento dos processos políticos. Para o autor, os jornalistas apenas copiam os discursos ou os regimentos internos e publicam nas matérias. Ele afirma que o jornalismo político é “pretensioso e arrogante” e não escreve para o grande público, e sim para as fontes e colegas de trabalho.

(Setti (2005), ainda lembra que a didática no jornalismo não é apenas uma obrigação técnica, é também um dever ético do jornalista.

No Brasil, esse dever ético – no jornalismo político – vem crescendo de um peso especial: ser didático no Florão da América, significa não apenas informar os fatos, explicá-los e, conforme a espécie de veículo, tentar interpretá-los, mas também procurar ajudar o público a entender como funcionam as instituições. Especialmente instituições confusas, mal estruturadas e em permanente mutação como as nossas. (Ricardo A. Setti, *Observatório da Imprensa*)

Franklin Martins (2005), também corrobora com a posição de Setti ao afirmar que não basta dizer o fato em jornalismo político. É preciso explicar as causas e avaliar na notícia as possíveis conseqüências. Porém, é preciso lembrar que opinião e interpretação não são a mesma coisa. A interpretação avalia o que está acontecendo, relaciona a fatos anteriores. Inclusive as colunas não devem ser

opinativas. O espaço é destinado para jornalistas com capacidade de análise e com grande número de fontes.

A opinião é um ponto de vista que é detalhado e passa a afirmar os conceitos prévios do meio. Eugênio Bucci (2009), relembra o caso do deputado que afirmou que estava se lixando para a opinião pública. O jornalista não é responsável por emitir opinião. *“Não se pode aceitar que ela seja confundida com um ou outro veículo de comunicação. Para sorte de nós, ela está acima dos veículos. [...] Mas acima de tudo, livre”.*

Josenildo Guerra (1998), a partir dos conceitos de Hannah Arent, afirma que o jornalismo não é o discurso da realidade, mas uma análise dos fatos percebidos pelo responsável pela apuração. É preciso ter cuidado na interpretação dos fatos, já que cada indivíduo possui características individuais que influenciam.

Bernardo Kuscinski (1998) observa que a ideologia é desqualificada e considerada antiprofissional. Para ele, é preciso quebrar esse paradigma da tentativa de apresentar o jornalista como técnico para o leitor. Kuscinski considera que os donos dos jornais deveriam reconhecer as vozes destoantes dentro dos veículos.

Não apenas as ideologias dos donos das empresas influenciam no andamento dos Jornais. Há uma busca de qualidade estética, de tentativa de fidelidade fática e de manter a credibilidade, com a finalidade de obter audiência). Os empresários querem aumentar o faturamento e lucros e para isso, optam por sacrificar a autonomia do veículo. Há uma influência abusiva dos anunciantes no conteúdo dos programas para televisão e rádio. Já Nos jornais impressos, as matérias que envolvam os anunciantes são minimizadas e muitas vezes até vetadas. (MIGUEL, 2002).

Albuquerque (1998) afirma que a profundidade dos temas são hegemônicos aos interesses dos anunciantes, “a cobertura jornalística da política tem se caracterizado por uma reiterada parcialidade em favor de determinados partidos e causas e em prejuízo de outros”

2.3 Eleições pela mídia

A eleição é o momento crucial na vida política. Nesse momento serão escolhidos governantes e parlamentares, ou seja, as pessoas que estarão no

comando e ocuparão esses lugares. É nesse momento que a dialética entre aqueles que ficarão com as vagas e os que estarão de fora é definida: governo e oposição.

A partir das lutas sociais no século XIX e XX é que a noção de cidadania expandiu-se. Homens e mulheres passaram a fazer parte do cenário, antes pertencente à classe elitista. O momento eleitoral é aquele no qual todo cidadão detém uma parcela do poder através do voto. As eleições têm como objetivo legitimar o mecanismo de representação e alternância do poder político na sociedade e assim defender o interesse público.

Nesse período, a comunicação torna-se essencial para a figura da democracia. Alejandro Alonso (1989) afirma que os meios de comunicação transformaram o contato do político com o público, *“Pode ser dizer que se durante o século passado o primeiro terço do XX os comícios eram a essência de qualquer campanha eleitoral, agora esse papel central é desempenhado pelos meios e especialmente, pela televisão”* (Alonso, p. 136)

A campanha durante as eleições passou a ser estruturada para a televisão. A partir desse momento, a campanha de rua não foi abandonada, mas a televisão se tornou a parte de maior investimento já que nesse veículo há dimensão de visibilidade. Rubem (2003) divide as inserções políticas em dois formatos: os oriundos de uma intervenção política (programas eleitorais na mídia) e os de iniciativa da mídia (debates eleitorais).

Ainda segundo Rubem (2003), esse espaço na mídia para entrevistas e debates forma a partir disso um local que produz novos acontecimentos e fatos políticos. A política teve que adaptar-se à linguagem da televisão e conseguir agregar matérias nos noticiários nacionais. Marshall MacLuhan pontificou, *“Surgiu uma nova forma de vida política em que a sala de estar se converte em colégio eleitoral.”* (McLuhan, apud, Alonso 1989, p. 129).

Na cobertura durante o período eleitoral é comum ver escândalos que envolvem a vida privada dos candidatos colocados a tona. Goulart (2006) faz uma análise da cobertura das eleições presidenciais de 2006. Foi observado que a imprensa tentava pautar escândalos que envolvessem a vida pessoal do candidato à reeleição. Entretanto, as preferências e o mais importante para a população era as melhorias sociais e econômicas.

Segundo o autor, a cobertura jornalística era desequilibrada e o candidato do PSDB era privilegiado na cobertura. A opinião da mídia não corroborava com a opinião dos eleitores, a mídia passou a fazer parte da agenda pública de discussão.

Na revista norte-americana *The Economist*, Paul Winters (2006) afirma que as notícias que apresentem escândalos da vida pessoal do candidato não superam a preocupação do eleitor pelas propostas apresentadas pelo mesmo. A análise de Winters baseada no escândalo que envolvia o ex-presidente norte-americano Bill Clinton e Gennifer Flowers, funcionário do estado de Arkansas. Segundo o autor, a imprensa dos Estados Unidos dava ênfase ao escândalo, enquanto os cidadãos negavam a importância desses acontecimentos e optavam pelo debates sobre as questões políticas e econômicas.

3. O jornalismo

3.1 A entrevista

O jornalismo moderno surge na primeira metade do século XX, busca a objetividade e é marcado pelo uso da pirâmide invertida com o *lead* - o quê, quando, quem, como, onde e por quê. Há uma procura pela falsa objetividade, onde inclusive o posicionamento do veículo não fica claro quanto a escolha partidária.

Nilson Lage (2001) classifica a entrevista em categorias. Aquela feita brevemente, “em pé”, é considerada formal, apesar de poder resultar declarações surpreendentes. O segundo tipo é a temática, onde o entrevistado domina o assunto a ser tratado. A testemunhal é aquela em que o entrevistado responde a questionamentos sobre alguma situação na qual ele está envolvido ou assistiu. Por fim a em profundidade, onde a figura do entrevistado é o tema da entrevista.

Na cobertura jornalística, a entrevista é a ferramenta de apuração. Luiz Beltrão (2002), a define como maneira de obter assuntos de interesse jornalístico por meio das perguntas e conseqüentemente das respostas. A tradução literal de trechos das entrevistas é utilizada também para ilustrar a notícia ou reportagem: a fala do entrevistado é recortada para complementar o texto ou exemplificar o que já foi exposto. “*A entrevista obedece a uma técnica que a torna apta a produzir notícias para o consumo de massa*” (Erbolato, 2001, p. 158).

Toda entrevista é sempre um trabalho coletivo. O silêncio co-constrói a entrevista. (...) deixar os tropeços visíveis na edição, a gafe faz parte. Como o entrevistado reage ao erro, se acha absurdo ou não. (...) Como lidar com isso é o que importa, claro que com o máximo de pesquisa possível. (Jaguar, o Pasquim)

Para o desenvolvimento da entrevista, é necessário que o jornalista conheça o assunto tratado. Para o diálogo, é preciso de um preparo para o andamento da mesma, assim, o jornalista fará boas perguntas e conseguirá encaminhar a conversa. Diferente dos oralistas, o jornalista não tem tempo e não segue uma metodologia e uma série de procedimentos fundamentais para desenvolver a entrevista.

Segundo Ricardo Santhiago (2007) na História Oral, é fundamental a transcrição literal da entrevista, o que busca garantir a inteligibilidade do texto, e a marca da oralidade. *“História Oral é (...) um procedimento mais específico, e sobretudo programado; é o resultado de entrevistas indicadas em projetos previamente existentes para atender a algum objetivo”*(Meihy, 2005. P. 21).

Cada jornalista desenvolve um estilo durante uma entrevista. Existem diversas estratégias para que se tenham respostas claras e com qualidade. (Tramontina, 1996). Através de uma conversa aparentemente vazia que muitos depoimentos são obtidos. Orlando Brito tinha diversos encontros com o ex-presidente Figueiredo na Orla de Copacabana no Rio de Janeiro. Durante essas pequenas conversas informais, o jornalista obteve uma série de revelações sobre a época da ditadura militar no Brasil.

Entrevistar não é somente fazer uma pergunta, esperar uma resposta e juntar a respostas outra pergunta. É um exercício profissional trabalhoso e ingrato. Quase sempre quanto maior é o interesse do jornal em conseguir a entrevista, menor o do entrevistado em concedê-la e vice-versa. Na medida que cresce o interesse do jornal, crescem também os problemas do entrevistador (AMARAL, 1997. p. 72)

Professores e intelectuais têm um discurso previamente padronizado e desenvolvem as idéias e conteúdos com fluência. Enquanto isso, os políticos apresentam durante as entrevistas sua personalidade e fazem desse momento uma oportunidade de apresentar a mídia seus feitos, o interesse pelo eleitorado ou então justificar a participação de escândalos.

É preciso evitar ativismo ou qualquer interesse pessoal. A motivação do jornalista deve ser garantir o interesse da comunidade para qual ele escreve. David Brewer⁸, afirma que o jornalista deve simplificar todas as informações colhidas de forma clara.

O jornalista relembra que durante a entrevista, os políticos podem tentar negociar sobre os questionamentos da matéria, porém a sua função é investigar e divulgar os fatos relativos à conduta deste profissional público. Já Brewer ressalta que políticos são funcionários públicos e estão sujeitos a serem avaliados.

⁸Jornalista e consultor de mídia da BBC, CNN, Al-Jazeera entre outros (artigo acessado em <http://www.re-visto.de/?p=413>)

Segundo Thaís Oyama (2008) o jornalista precisa estar bem preparado durante a entrevista. É preciso que ele compreenda o assunto e aprofunde. É preciso estar seguro antes e durante a entrevista com políticos, pois muitos tentam se promover e por isso as questões devem ser diretas Brewer afirma que muitos políticos tentam desequilibrar o entrevistador e fazê-lo sentir-se incapaz. Por isso é preciso deixar claro que foi realizada uma pesquisa prévia sobre o personagem ou assunto a ser tratado.

3.2 Noticiabilidade

A imprensa passou a fazer parte da vida moderna e da evolução social. Weber (2003) questiona como no futuro o público terá acesso a informação se não por meio o jornalismo. Ele afirma que no Parlamento inglês, o jornalista precisava implorar para conseguir informações das sessões. Em 1910, ele já afirmava que a situação havia invertido.

Se há 150 anos o Parlamento inglês obrigava os jornalista a pedir perdão de joelhos diante dele pelo *breach of privilege*, quando informavam sobre as sessões, e se hoje em dia a imprensa com a mera ameaça de não imprimir os discursos dos deputados põe de joelhos o Parlamento; então, evidentemente algo mudou, tanto na concepção do parlamentarismo como na posição da imprensa. (WEBER, 2003. p. 20)

Gomes (2004) considera que os políticos atuam à procura de visibilidade. Para a própria imagem procuram uma exposição favorável no jornal diário e na televisão, e assim, converter o uso da mesma em votos, enquanto os adversários diretos sejam expostos negativamente. Luiz Felipe Miguel (2002) relembra a revista americana *George* onde a linha editorial trazia a idéia que parlamentares e governantes deveriam ser tratados como pessoas do ramo do entretenimento. Ambos procuram estar na mídia de diferentes formas.

Um pequeno deslocamento do substantivo “espetáculo” para o adjetivo “espetacular” e é suficiente para explicar o sentido da aproximação entre política e espetáculo, o especular não é exatamente o grandioso, o exagerado, o extraordinário, embora tudo isso faça parte do seu caráter semântico. O espetacular é o notável, o admirável, o apreciável, o que não pode deixar de ser visto, o que enche os olhos (GOMES, 2004. p. 392)

Cada acontecimento precisa ser enquadrado no valor-notícia e que seja pertinente aos interesses da população. A noticiabilidade entra na ponta da cadeia

produtiva. “[...] valores-notícias fornecem critérios nas práticas da rotina do jornalismo que permitem aos jornalistas, editores e agentes noticiosos decidir rotineira e regularmente sobre quais as ‘estórias’ que são ‘noticiáveis’ e quais não são [...]” (Traquina, 1993. p. 225)

Escândalos políticos constituem um apelo da mídia, principalmente para a televisão e internet, onde há possibilidade do uso imagens. Lima (2006) observa que casos como o suicídio de Vargas em 1954 ou o impeachment de Collor são constituídos por um escândalo político midiático, ou seja, ele só acontece pela existência da mesma.

Essas narrativas ocupam um longo período da cobertura, traduzem uma seqüência de atividades ocultas e imorais dos envolvidos. Com isso, os jornais levam para o público o desenrolar dos fatos, já que o mesmo público faz a avaliação moral dos acontecimentos. Ao longo da cobertura, personagens, cenários, fatos e outros fatores são necessariamente apresentados para os espectadores.

Entretanto, o jornalismo político não é baseado apenas na cobertura de escândalos. A cobertura cotidiana dos acontecimentos do Planalto e principalmente do Congresso Nacional são o grande enfoque dos noticiários e cadernos de política. “*Lugar de jornalista político é no Congresso*” (Martins, 2008), isso porque nesse ambiente há um grande número de pessoas que transitam diariamente e assim é mais fácil conseguir furos que envolvam o cenário.

3.3 Telejornal: O Jornal Nacional

O Jornal Nacional é o noticiário mais antigo da Rede Globo e também com maior índice de audiência da emissora na atualidade e nos anos 80 cerca de 80% no país. Segundo dados da Rede Globo, o Jornal Nacional pode ser assistido em 99,84% dos municípios brasileiros, por meio das 121 emissoras e afiliadas.⁹

A participação do JN nas questões políticas do país sempre foi evidente. Elizabeth Carvalho (1980) afirmou que “*com o surgimento do JN coincidindo com o endurecimento do regime militar brasileiro, o noticiário configurava-se como a voz do Estado militar, seguindo uma linha editorial oficialista*”.

O primeiro grande escândalo da cobertura unilateral sempre foi evidente. Isso ficava claro pelas ligações de Roberto Marinho com o governo, à época, responsável

⁹ Dados disponíveis em www.globo.com.br

pela ditadura militar do Brasil. Em 1982 a candidatura de Leonel Brizola não agravada a Marinho. Então um esquema foi montado para que Brizola não fosse dado como eleito.

Na época o eleitor necessariamente votava no mesmo partido para deputado estadual e governador. A empresa contratada pelo Tribunal Regional Eleitoral, *Proconsult* (também contratada pelas empresas Globo) começaria a apuração dos votos do interior do estado, onde Moreira Franco (concorrente de Brizola) teria mais votos.

O esquema consistia no *JN* divulgar os números oficiais e dar falsos resultados a partir da fraude durante a apuração. Brizola foi avisado pelo diretor de pesquisas da Globo, Homero Sanchez, do esquema montado para que perdesse as eleições. Assim, o partido de Brizola montou um esquema de acompanhamento durante a votação. Brizola foi eleito em 1982.

Outro caso foi a campanha de 1984 a favor das *Diretas já*. As primeiras notícias dadas pelo jornal do movimento caracterizavam apenas como uma festa comemorativa do aniversário de São Paulo. Roberto Marinho afirmou em entrevista a revista *Veja* que a cobertura foi regional, mas que “a paixão popular foi tamanha que resolvemos tratar o assunto em Rede Nacional” (*Veja*, edição n. 845).¹⁰

O documentário *Muito além do cidadão Kane*, produzido pela BBC de Londres em 1993 (e proibido a transmissão deste no país desde então) mostra claramente o tipo de interferência da emissora nas questões políticas do país. O nome do documentário relaciona Roberto Marinho com Oson Willes no filme “Cidadão Kane”, um empresário das comunicações norte-americano.

Muito além do cidadão Kane também apresenta a manipulação da emissora nas eleições de 1992 entre Collor e Lula. Além de evidenciar o apoio a Collor, o *JN* apresentou dias antes do segundo turno uma edição do debate entre os presidentiáveis. A edição mostrava Lula gaguejando e trocando as palavras, enquanto Collor teve uma edição diferenciada ressaltando seus pontos positivos.

Bucci (2006) afirma que na cobertura das eleições presidenciais de 2002 pode-se observar uma mudança de comportamento da emissora. “*Se você comparar o procedimento e o comportamento em 2002, você vai notar sinais expressivos de uma grande melhoria, de um grande desenvolvimento*”.

¹⁰ Disponível em www.veja.com.br

Foi a partir dessas eleições que o telejornal começou a apresentar entrevistas ao vivo com os candidatos. Segundo Florentina Souza (2007) foi evidenciado o tipo de manipulação da emissora nessas eleições. De acordo com os dados coletados pela pesquisadora, ficou evidente que o Jornal Nacional evidenciou características negativas do então candidato do PT. Para o segundo turno, Ciro Gomes (PPS) se aproximava do outro candidato, José Serra (PSDB). O candidato do PPS passou a ser apresentado como truculento e que não tem propostas, apenas critica os opositores.

Souza (2007) também analisou as eleições de 2006. A inovação do telejornal foi criar a *Caravana JN* durante o período eleitoral. Nessa série de reportagens, várias cidades eram apresentadas, entretanto grande parte das mesmas estavam em condições sociais inferiores as demais. Segundo a autora, o objetivo era apresentar o desempenho do então presidente nos projetos sociais e assim avaliar o governo Lula.

Durante o período eleitoral foi dada relevância as denúncias de doações irregulares para o candidato Anthony Garotinho durante o primeiro turno. Para o segundo turno, foi evidenciado que o candidato-presidente não era entrevistado pelo *Jornal Nacional*. As matérias giravam em torno do governo e não da candidatura. O candidato petista também teve o dobro de aparições negativas em relação ao candidato do PSDB, Geraldo Alckmin.

4. Questões éticas

4.1 Imprensa e ética

A imprensa tem o papel de deixar os interesses pessoais e democratizar a informação. Franklin Martins (2005) afirma que não há uma ética específica e sim a busca por valores morais determinados pela conduta. Para o autor ser ético é fazer aquilo que é considerado certo socialmente. *“Significa fazer o que seu pai e sua mãe diziam-lhe que estava certo”* (MARTINS, 2005. p.30)

Ainda para Martins, o jornalista tem um contrato com a sociedade. O que garante o acesso a determinadas informações privilegiadas e até a invasão de privacidade em alguns casos. Eugênio Bucci (2003) afirma que o jornalista deve trabalhar em busca da democracia. O compromisso é aperfeiçoar as regras democráticas. A imprensa tem um papel fiscalizador e deve fazê-lo mesmo que vá contra a opinião popular. *“O compromisso [da imprensa] com a democracia está acima do compromisso com os humores do público, é que muitas vezes a imprensa deve remar contra a opinião pública.”* (BUCCI, 2003. p. 175)

4.2 Informação manipulada

A mídia deveria ser um instrumento para transmissão de informação. Perseu Abramo (1988) afirma que a mídia no Brasil não é mais controlada pelas ditaduras militares como na era Vargas onde o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) foi instaurado para controlar as publicações. Entretanto, nesse sistema democrático o controle midiático ocorre a partir de uma classe dominante que decide sobre a veiculação da informação.

A manipulação dessa informação trás como efeito a não reflexão da realidade. Esse material apresentado é uma relação indireta à essa realidade distorcida. Abramo (1988) compara essa realidade com um espelho deformado: *“a imagem do espelho tem algo a ver com o objeto, mas não só não é o objeto como também não é sua imagem: é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real”*.¹¹

¹¹ Consultado em <http://www.fpabramo.org.br/significado-politico-da-manipulacao-na-grande-imprensa>

Ainda para o autor, o telespectador ou leitor só percebe essa contradição na veiculação da informação quando ele é testemunha ou protagonista do fato. Assim, esses indivíduos que acreditam fielmente nessa realidade criada, movimentam-se a partir dessa manipulação. Perceu Abramo relembra que o jornalista pode (e deve) tomar uma posição para orientar o leitor/espectador. Para isso, existem nos jornais os artigos, a opinião, o comentário ou o editorial.

Alain Woodrow (1996) afirma que o leitor, ouvinte e telespectador delegam ao jornalista a credibilidade em repassar o que viu e ouviu.

“Isso sublinha a importância, para a sua fiabilidade e credibilidade, de competência jornalista, fruto de uma formação especializada, de uma certa experiência e de uma honestidade fundamentais” (WOODROW, 1996. P. 218)

Assim como Perceu Abramo, Woodrow afirma que os mais influentes na sociedade exercem pressões para que as opiniões sejam publicadas ou que esses indivíduos poderosos sejam convidados para entrevistas na televisão. A partir disso, o poder da mídia é questionado pela falta de regulação da profissão.

O antigo diretor do jornal francês André Fontaine, afirma no artigo “*Quels contre-pouvoirs au quatrième pouvoir?*”¹² que o poder da imprensa só mereceria ser o quarto poder se fosse um órgão da federação e que os interesses daqueles que detém esse poder não fossem contraditórios com os interesses públicos.

Para Fontaine, o grau de autonomia da mídia é reduzido. “O poder dos media é condicionado e controlado por todos os outros, ou seja, pelos centros de decisão política, econômica, tecnológica e militar” (FONTAINE apud Mario Mesquita. 2000. p,73)

Para Ignácio Ramonet (1999), os novos donos das empresas apenas estão em busca de lucro. Com a pressão concorrencial, os média são obrigados a deixar ultrapassar informações consideradas até indecentes. “Aos olhos deles, o news business, o mercado da informação, é, acima de tudo, um meio de obter lucro” (RAMONET, 1999. p. 15)

Serge Halimi (1998) afirma que a forma como os assuntos tratados pela mídia são decepcionantes

¹² O artigo citado está na Obra de Mário Mesquita.

, principalmente pela relação entre os jornais e o poder. Para o autor, as perguntas básicas (Onde? Quem? Quando? Como? O quê? Por que?) deveriam ser respondidas para estruturar a informação, entretanto, essas mesmas são ignoradas.

Woodrow (1996) afirma que, a intolerância a crítica midiática leva ao controle do conteúdo. Assim, não há qualidade na informação e o chamado “quarto poder” perde a razão existir, ou seja, vigiar os outros três poderes. O autor relembra que é paradoxal que o excesso de liberdade (o que seria responsável por melhores coberturas e mais espaço a crítica), na verdade é responsável por aumentar o número de abusos e de pressões.

Mario Mesquita (2000) relembra que na década de 70 o jornalista era mais responsável com a com a cobertura. Entretanto, com o fim das ditaduras e dos controles midiáticos, a qualidade da cobertura tornou-se apenas para ressaltar o interesse de determinadas classes. Assim, ele dá como exemplo a Guerra do Golfo em 1991, onde a imprensa televisiva ignorava o lado contrário.

“A fragilidade dos processos de investigação jornalística, a ausência de escrúpulos e a procura do êxito profissional sem olhar a meios, a pressão das audiências e das vendas constituem algumas das motivações que contribuíram para acentuar, sobretudo nas últimas duas décadas, situações lesivas da credibilidade dos media” (MESQUITA, 2000. p.73)

Mesmo com a força dos interesses políticos e econômicos, a mídia tenta repassar a idéia de idoneidade. Para tal, manipula a informação sem que o público tenha conhecimento pleno que aquela informação não necessariamente está completa.

Abramo (1996) afirma que há quatro tipos de manipulação da informação. O primeiro seria o “Padrão de ocultação”, ou seja, a imprensa omite fatos ou lados da realidade do acontecimento. Os editores desconsideram fatos da pauta, aqueles considerados desnecessários.

O segundo tipo de manipulação seria o de Fragmentação. A realidade é “despedaçada” e fatos que são desconectados são relacionados entre si de forma arbitrária. A realidade assim é distorcida e uma nova realidade é criada artificialmente.

O terceiro tipo de manipulação seria a inversão. As partes da matéria são reordenadas e a partir do interesse de editorial. Segundo Abramo, é na edição da matéria que a inversão é apresentada. Os aspectos antes secundários passam a ser

o essencial do conteúdo. Uma inversão do fato muito comum é o uso do oficialismo. Para a imprensa, apenas a fonte primária é destacada.

Por fim o autor destaca a Indução. Nesse padrão definido pelo autor, cada indivíduo é evidenciado na diagramação e na programação das manchetes. Os noticiários evidenciam na cobertura diária, determinados temas. Alguns personagens são vistos diariamente na imprensa, enquanto outros jamais aparecem nas matérias.

5. Eleições 2010

5.1 Análise das entrevistas dos presidencialistas ao JN

Os três candidatos à presidência foram à bancada do telejornal para responder a perguntas sobre as características de cada um, a atuação em governos anteriores e se apresentar ao eleitor como candidato, ou seja, as propostas de governo. A ordem para na bancada do JN foi escolhida por sorteio e cada entrevista teria em média 12 minutos. Pode-se observar a tentativa de isenção dos entrevistadores com os candidatos, sem expressar opiniões político-partidárias.

Não haviam perguntas pré-determinadas, entretanto o editor-chefe e âncora Willian Bonner tentou deixar claro como seriam as entrevistas: *“Vamos abordar aqui temas polêmicos das candidaturas e também confrontar os candidatos com as suas realizações em cargos públicos”*.

As intervenções feitas aos candidatos foram divididas em assuntos.

	Dilma Rousseff	Marina Silva	José Serra
Personalidade do candidato e vice	4	--	2
Características da Campanha	--	--	3
Alianças Políticas	3	5	3
Qualificação do candidato ou do vice	2	1	3
Ações enquanto governo	7	1	2
Propostas a serem desenvolvidas caso eleito	--	2	1
Escândalos políticos	--	5	--

A primeira entrevista do JN foi com a candidata Dilma Rousseff. O assunto mais tratado pelos âncoras com a candidata foi desenvolvimento do Brasil enquanto a presidencialista era ministra da Casa Civil. Foram sete intervenções e dois temas tratados com essa característica. O primeiro tema foi crescimento econômico do Brasil. Willian Bonner comparou o Brasil a países como Argentina, Bolívia e Uruguai e afirmou que o país teve um crescimento sempre menor comparado com os países como Índia, Uruguai e Argentina.

A outra temática abordada nas ações enquanto governo foi o saneamento, das sete intervenções, duas abordaram esse tema. Fátima Bernardes afirmou que o

investimento do governo Federal foi pequeno nessa área. A partir da resposta da candidata, a apresentadora fez a segunda intervenção e afirmou novamente que o resultado de investimento foi ínfimo nesse período.

A segunda entrevista foi com a candidata Marina Silva. Dois assuntos dominaram a entrevista, foram cinco intervenções para cada. Na terceira pergunta feita a Marina tratou sobre as alianças políticas. Willian Bonner questionou a falta de alianças partidárias feitas pelo partido da candidata para as eleições e a impossibilidade de fazê-las caso eleita.

O objeto das outras cinco intervenções seguintes foi a permanência de Marina no PT depois dos escândalos do “mensalão”. Segundo o apresentador, a presidenciável não tomou nenhuma iniciativa para combater dentro do partido a prática. Para aprofundar o tema, o apresentador interrompeu a resposta para debater sobre a saída de membros do partido na ocasião. Para que realizasse esse questionamento, Bonner concedeu trinta segundos além do previsto para Marina.

A última entrevista aconteceu com José Serra. Os assuntos debatidos na entrevista foram mais variados do que as anteriores. Dos três assuntos mais tratados (três intervenções para cada), a discussão sobre as estratégias de campanha duraram mais tempo. O debate foi voltado tática de Serra não comparar os governos anteriores e não criticar o governo do presidente Lula.

A duração prevista para cada entrevista foi de no máximo 12 minutos. Com o tempo sendo contado do começo ao final da entrevista, Dilma Rousseff foi quem teve menos tempo: 12 minutos e 25 segundos, enquanto Marina Silva participou durante 13 minutos e 2 segundos, sendo somado a isso os trinta segundos devolvidos a ela pelo apresentador Willian Bonner.

	. Dilma Rousseff	Marina Silva	José Serra
Duração total da entrevista	12 minutos e 25 segundos	13 minutos e 2 segundos	12min 45 segundos
Duração da fala dos entrevistados	8 minutos e 42 segundos	9 minutos e 14 segundos	8 minutos e 58 segundos
Duração das intervenções dos entrevistados	3 minutos e 43 segundos	3 minutos e 48 segundos	3 minutos e 47 segundos

Durante as entrevistas, os apresentadores tentaram controlar os entrevistados para que os temas pudessem ser diversificados. A média prevista para cada resposta seria de um minuto. Willian Bonner e Fátima Bernardes interromperam Dilma Rousseff 15 vezes durante a entrevista para cortá-la durante uma resposta ou mudar a temática debatida.

Marina Silva foi a menos interrompida (09), já que logo no começo ela pediu para que o apresentador a deixasse terminar uma resposta antes de iniciar uma nova pergunta ou argumentar sobre a resposta dada.

A entrevista com o tom mais ameno foi a de José Serra. Apesar de ter tido doze interrupções, Serra foi quem mais conseguiu responder a perguntas e completar as idéias. Os apartes à fala de Serra aconteceram no final da entrevista, foram cinco nos últimos 58 segundos de entrevista.

5.2 Os impressos na cobertura

Os quatro jornais não apresentaram a mesma quantidade de matérias por dia nas entrevistas. O Correio Braziliense não publicou nenhuma matéria no dia 11 de agosto e no dia 12 publicou três reportagens. No dia 10 de agosto O Globo publicou uma matéria tratando dos assuntos abordados no JN. A Folha de S. Paulo e o Valor Econômico foram os únicos que apresentaram o mesmo número de matérias por dia:

	matérias/dia		
	10 de agosto de 2010	11 de agosto de 2010	12 de agosto de 2010
Correio Braziliense	1	0	3
Folha de S. Paulo	2	2	2
O Globo	1	2	2
Valor Econômico	1	1	1

O Valor Econômico foi o único dos quatro jornais a publicar o mesmo número e matérias por candidato. O Correio Braziliense e O Globo deram ênfase à entrevista de Dilma Rousseff. A Folha de S. Paulo deu mais ênfase à candidata Marina Silva. A repercussão da entrevista de José Serra teve uma matéria em cada jornal:

matérias/candidato

	Dilma Rousseff	Marina Silva	José Serra
Correio Braziliense	2	1	1
Folha de S. Paulo	2	3	1
O Globo	3	1	1
Valor Econômico	1	1	1

Dilma Rousseff foi a primeira candidata a ir à bancada do Jornal Nacional. Assim, ela também a candidata com maior número de matérias, oito. Sendo o último a ser entrevistado, José Serra foi retratado em quatro matérias e apenas no dia 12 de agosto. Marina Silva monopolizou os cadernos de política do dia 1, com quatro reportagens.

Matérias candidato/dia

	Dilma Rousseff	Marina Silva	José Serra
10 de agosto de 2010	5	0	0
11 de agosto de 2010	1	4	0
12 de agosto de 2010	2	2	4

Os temas apresentados pelos jornais valeram-se das entrevistas dos presidentiáveis. Cada um dos impressos usou uma abordagem diferente na cobertura das entrevistas. As alianças políticas foi o assunto mais retratado pelos jornais. Nas matérias sobre a candidata Dilma Rousseff e José Serra é questionada a qualificação dessas alianças, considerada pelos jornalistas como contraditórias. No caso de Marina, a falta dessas alianças é afirmado como uma dificuldade para a governabilidade da candidata caso eleita.

Nenhum dos jornais impressos falou sobre as propostas de governo apresentadas, tema que foi o menos debatido na bancada do Jornal Nacional. As ações enquanto governo foram priorizadas nas matérias de Dilma Rousseff. Segundo os impressos, a candidata inflou o os valores de investimento em saneamento básico do governo Lula. Essas considerações também foram feitas pela apresentadora.

	10 de agosto de 2010	11 de agosto de 2010	12 de agosto de 2010
Correio Braziliense	Alianças políticas	--	Ações enquanto governo
	Personalidade do candidato ou vice	--	Escândalos políticos
	--	--	Alianças políticas
Folha de S. Paulo	Alianças políticas	Escândalos políticos	Alianças políticas
	Personalidade do candidato e vice	Alianças políticas	Características da Campanha
	Qualificação do candidato ou do vice	--	Qualificação do candidato ou do vice
	--	--	Escândalos políticos
O Globo	Ações enquanto governo	Alianças políticas	Características da campanha
	Alianças Políticas	Escândalos políticos	Alianças Políticas
	Personalidade do candidato e vice	Ações enquanto governo	Personalidade do candidato e vice
	Qualificação do candidato ou do vice	--	Ações enquanto governo
Valor Econômico	Personalidade do candidato e vice	Alianças políticas	Alianças políticas
	Alianças Políticas	Ações enquanto governo	Características da Campanha
	--	Escândalos políticos	Personalidade do candidato e vice
	--	--	Qualificação do candidato ou do vice

As reportagens trouxeram tônicas diferentes de acordo com a abordagem utilizada para cada cobertura. As matérias que tratam das entrevistas dos presidentes foram divididas em positivas, neutras e negativas. Só os trechos que citam a entrevista (ou algum aspecto tratado no JN) foram avaliados. Os critérios de valência utilizados são:

Valência positiva – quando reproduza promessas, programa de governo, declarações ou ataques a concorrentes.

Valência neutra – a matéria apresenta agenda dos candidatos ou citações sem ataques a moral ou avaliando o pessoal e político do candidato.

Valência negativa – A matéria tenha ressalvas, críticas ou reproduza ataques de outros candidatos ou dos entrevistadores.

candidato/ matérias

	Dilma Rousseff	Marina Silva	José Serra
Positivo	1	0	1
Neutro	1	3	0
Negativo	6	3	3

A candidata Dilma Rousseff foi quem mais teve reportagens negativas, a maioria em tons de crítica ao governo ou aos dados considerados inflados. Há também matérias negativas que tratam sobre as alianças do PT com partidos que antes eram considerados rivais.

As matérias negativas de Marina trataram sobre o mensalão do PT e a falta de posicionamento político quando era senadora e ministra pelo partido. Nas reportagens sobre José Serra, a falta de posicionamento do candidato com o atual governo e as alianças políticas consideradas contraditórias feitas pelo partido são criticadas.

Correio Braziliense

A matéria do Correio Braziliense do dia 10 de agosto afirmou que o casal do JN foi ríspido com a candidata e que, mesmo nervosa, ela conseguiu não deixar de responder nenhuma pergunta. *“A candidata do PT, Dilma Rousseff, passou por um verdadeiro corredor polonês ontem no telejornal mais popular do país, o Jornal Nacional, da TV Globo [...]mas não deixou pergunta sem resposta”.*

A segunda matéria sobre a candidata, em 12 de agosto, relembra os dados apresentados sobre os investimentos em saneamento básico no Rio de Janeiro. O repórter questiona os valores e afirma Dilma confirmou o uso de estimativas na entrevista. *“[...] Dilma Rousseff admitiu ter usado estimativas e arredondamentos, mas negou distorção.”*

Assim como Serra, Marina Silva teve apenas uma matéria no dia 12 de agosto. Na reportagem *Marina de viés Nuclear* apenas o último parágrafo da reportagem é voltado para a entrevista da candidata. O assunto tratado nesse parágrafo foi apenas sobre o escândalo do mensalão do PT. O repórter relembra que a ação com os envolvidos tramita no Supremo Tribunal Federal.

A matéria que fala sobre o candidato José Serra é subdividida em temas. Como na matéria sobre Marina Silva, apenas a última parte da reportagem trata sobre a entrevista ao Jornal Nacional. Diferente da afirmação sobre Dilma, o jornalista considera que Serra teve dificuldades em justificar sobre as alianças partidárias. “[...]teve dificuldades em explicar a razão pela qual seu partido aceitou o apoio do PTB, que teve envolvimento com o mensalão, em 2005”. A matéria também faz a fala de Serra aos problemas nas rodovias do atual governo, mas o repórter relembra que as de São Paulo foram privatizadas.

Folha de S. Paulo

As matérias que trataram sobre a entrevista de Dilma Rousseff ao JN foram no dia 10 de agosto. As alianças políticas, a personalidade do candidato e as ações enquanto governo foram os temas abordados. Na primeira matéria *No “JN” Dilma defende apoios de Sarney e Collor*, o assunto tratado no *lead* foram as alianças políticas. Nos três primeiros parágrafos, o repórter repete a expressão “alianças amplas”, expressão também usada pela candidata durante o JN.

No quinto parágrafo o repórter trata sobre o segundo assunto mais debatido durante a entrevista: a personalidade da candidata. O repórter destaca um dos momentos em que o âncora entra em embate direto com a candidata ao afirmar que Lula recebeu reclamações dos ministros que Dilma os maltratava.

Ainda sobre a candidata Dilma, a segunda matéria do jornal afirma “A *presenciável foi inquirida sobre algumas principais incongruências e debilidades que a cercam. Ao responder, tergiversou*”¹³. Nos quatro parágrafos o repórter faz duras críticas sobre as alianças petistas para as eleições de 2010. No último parágrafo ele dá ênfase ao perfil traçado também pelo Jornal Nacional, a candidata tendo um temperamento difícil. Assim como abre a reportagem, o repórter termina

¹³ Tergiversar: v.i. Usar de subterfúgios ou evasivas, variar inseguramente de argumentos e de meios no debate de um assunto ou no enfrentar uma situação. (Dicionário Aurélio)

afirmando que “o discurso foi ensaiado” e “a entrevista evidenciou que o treinamento [...] vale só até certo ponto”.

A entrevista de Marina foi tratada pela Folha em três matérias, duas no dia 11 de agosto e a terceira no dia 12. Voltando ao tema mais tratado pelo Jornal Nacional com a candidata, duas matérias do impresso trataram sobre os escândalos políticos.

As reportagens *Marina nega convivência com o mensalão* e *Verde desconversa sobre declarações ao JN*, afirmam que houve uma inércia em se posicionar perante o mensalão do PT. Ambas relembram uma entrevista dada pela candidata (à época senadora e ministra do Meio Ambiente pelo PT) em 2006. Ambas trazem a mesma fala da candidata “erros do PT tem que ser julgados pela sociedade e pela justiça”.

A segunda reportagem do dia 11 afirma que a candidata é só decidirá as alianças depois de eleita. O repórter questiona como Marina conseguirá governar com os dois principais partidos de oposição (PT e PSDB). Esse mesmo assunto foi tratado nos três últimos parágrafos da reportagem do mesmo dia (*Marina nega convivência com o mensalão*).

Com um título menos crítico quando comparado com a das concorrentes, a matéria sobre Serra, trata no *lead* sobre a aliança política com os envolvidos no mensalão do PT. O repórter relembra que o mensalão do Democratas no DF não foi abordado pelos entrevistadores.

A reportagem também falou no sétimo parágrafo sobre um “tema incomodo”, ou seja, a escolha do deputado Índio da Costa para vice. A escolha teria sido motivada pela personalidade centralizadora de Serra. A reportagem usa três parágrafos para que a escolha de Índio seja justificada.

O Globo

Das cinco reportagens que foram baseadas nas entrevistas dos presidentiáveis, três são sobre Dilma Rousseff, uma por dia entre o dia 10 e 12 de agosto. A primeira reportagem copila diversas partes do Jornal Nacional. Na chamada de capa do jornal sobre essa matéria, o jornalista afirma que “Dilma teve bom desempenho em sua primeira grande entrevista”.

Nos quatro primeiros parágrafos é dado ênfase ao assunto mais debatido no telejornal: ações do governo. A discussão sobre crescimento do país ocupou os dois primeiros parágrafos. O título da matéria é voltado para essa temática. Entretanto, o jornalista inferiu que a candidata culpa o ex-presidente Fernando Henrique pelos índices de crescimento brasileiro, já que o nome de FHC ou a expressão governo anterior não foi citado durante a entrevista de Dilma.

As matéria sobre a candidata que saíram no jornal nos dias seguintes também trazem como temática os valores de investimento em saneamento. A reportagem do 11 tem como objetivo apresentar que a candidata errou nos dados apresentados ao JN sobre os investimentos. A reportagem do dia 12 de agosto também é sobre essa temática e considera que Dilma “*recuou*” quando foi questionada sobre os valores.

A reportagem sobre Marina Silva foi apresentada no dia 11 de agosto, a única voltada para o Jornal Nacional. Assim como na entrevista, a falta de alianças políticas foi o tema mais debatido. O jornalista questiona a possibilidade de governar com os dois partidos concorrentes nas eleições. “*Marina, contraditoriamente, afirmou que, se eleita, pretende governar com os dois partidos*”.

Assim como no telejornal, o segundo assunto na reportagem foram os escândalos enquanto a candidata era ministra e senadora pelo PT. O jornalista inferiu que Marina ficou desconfortável ao ser questionada.

A matéria sobre o candidato José Serra apresentou no *lead* a mesma linha da participação do candidato no JN, sem críticas diretas e com um tom mais ameno. A reportagem trás uma fala do candidato como título, “*Não se governa na garupa*”, para criticar a falta de experiência política de Dilma Rousseff. A outra concorrente, Marina Silva, não foi citada durante toda a reportagem.

O teor da reportagem abordou temas mais variados, mas o assunto mais comentado foi às ações do atual governo. Nos sete parágrafos que fala sobre as rodovias brasileiras, o repórter frisa que Serra não faz críticas ao governo Lula. No restante da matéria, as temáticas sobre as alianças políticas e a personalidade do candidato são justificadas a partir de aspas retiradas da entrevista.

Valor Econômico

Foi o único jornal que apresentou o mesmo número de matérias por candidato e tiveram como pauta as entrevistas apenas nos dias subseqüentes. As três reportagens também primaram por ter um número de palavras aproximado: foram 468 palavras na reportagem do dia 10 de agosto, 401 no dia 11 e 420 no dia 12.

O *lead* da primeira matéria explica que Dilma foi a primeira entrevistada do Jornal Nacional. “*Com perguntas incisivas*”, assim que é aberto o segundo parágrafo. Nele, o repórter afirma que houve um “bate-boca” entre Dilma e Fátima Bernardes quando discutiam sobre a personalidade da candidata. Esse tema foi abordado em cinco parágrafos da reportagem e foi o segundo mais comentado debatido durante os doze minutos que candidata esteve na bancada do JN.

Na continuidade da matéria, o segundo tema abordado foi às alianças políticas do partido para as eleições de 2010, segundo assunto mais questionado durante a entrevista. O repórter transcreveu a argumentação usada pelo âncora ao perguntar onde o PT havia errado. Para o repórter “*Dilma rebateu, invertendo a pergunta*” e logo em seguida justifica as alianças como aquisição de experiência política. No penúltimo parágrafo, é afirmado pelo jornalista que Dilma cancelou a sabatina em uma associação para preparar-se para a entrevista.

No dia 11 de agosto a matéria sobre o JN falou de Marina Silva. O *lead* da matéria também apresentou questões gerais sobre as entrevistas dos três presidenciais. No segundo parágrafo é apresentada uma das propostas da candidata para a educação. Para exemplificar, o repórter relembra a qualificação da candidata e o esforço para estudar.

No terceiro parágrafo o repórter afirma que Marina estava calma, “*Segura, demonstrando controle da situação*”. Ainda nesse parágrafo é iniciada a explanação sobre um dos temas debatidos na entrevista, as alianças políticas. O repórter considera as afirmações de Marina, em que, caso eleita, irá governar com o apoio do PT e do PSDB.

O segundo assunto da foi tratado pelo repórter como “*o momento mais difícil para a candidata*”. Assim como na entrevista, o repórter também questiona as atitudes de Marina durante o escândalo do mensalão do PT. O repórter também ajuda a candidata a justificar a atitude de não sair do partido naquele momento

quando a fala de Marina afirmando que outros petistas permaneceram no partido não estavam envolvidos em corrupção.

Diferente das entrevistas das outras candidatas, a abertura da matéria apresenta os assuntos que foram levantados durante o período que Serra esteve no Jornal Nacional. No segundo parágrafo, a repórter afirma que Serra foi menos interrompido enquanto respondia aos apresentadores e também considera que a última entrevista teve *“um tom mais ameno, ainda que o tucano tenha sido posto diante de questões delicadas”*.

Os três parágrafos seguintes trataram das alianças políticas do partido. O repórter considera que Willian Bonner insistiu nas perguntas sobre essa temática e que Serra evitou respostas claras *“numa tentativa de escapar pela tangente”*. No sexto parágrafo foram abordadas as estratégias de campanha em não criticar o governo de Lula. No pé da matéria, o repórter relembra a fala de Serra sobre sua personalidade e a qualificação do vice candidato, Índio da Costa.

6. Conclusão

A televisão atinge mais de 183 milhões de telespectadores¹⁴. Segundo o IBGE, esse veículo está presente em 95,2% dos 5561 municípios brasileiros. O funcionamento dessas empresas de comunicação é devido aos investimentos da publicidade pública e de instituições privadas. Em 2009, foram quase 20 bilhões de reais.

O jornalismo tem por característica repassar as informações ao público. Entretanto, os posicionamentos ideológicos das empresas são historicamente vislumbrados na cobertura e em como as informações são repassadas.

No ambiente político, essa cobertura deixa o público mais próximo dos candidatos. Os discursos políticos foram modificados para que atingisse esse público e assim os políticos tivessem um poder de persuasão maior.

A grande questão da cobertura é se essas influências partidárias atrapalham o trabalho dos jornalistas. Assim como afirma Kuscinski (1998), essa ideologia é considerada desqualificada e antiprofissional. Como Abramo (1988) considera, essa informação manipulada atrapalha que a informação chegue corretamente ao maior interessado: o público.

Para Erbolato (2001), as entrevistas seguem um critério técnico e os jornalistas devem se preparar para questionar os entrevistados. No Jornal Nacional, as entrevistas ao vivo tiveram uma série de critérios ao serem programadas: o tempo, a ordem dos candidatos, o horário que foi exibida.

Durante o decorrer da entrevista foi observado diferença de tratamento com os candidatos a partir dos dados colhidos, assim pode-se categorizar a repercussão nos impressos. A categorização das valências das entrevistas foi importante para observar como a informação foi abordada.

Diferentemente de Dilma e Marina, José Serra foi quem melhor conseguiu concluir as informações e diversificar os assuntos tratados enquanto estava na bancada. A candidata Dilma (a que também apresentou mais matérias) teve um número maior de críticas, enquanto José Serra e Marina Silva apresentaram o

¹⁴ Informações em www.globo.com

mesmo número de matérias negativas, entretanto não foi observada nenhuma matéria positiva sobre a ex-senadora.

A primeira entrevistada foi Dilma Rousseff. Foi ela quem também mais pareceu nos jornais diários. O Correio Braziliense e o Valor Econômico destacaram o tratamento recebido pela candidata enquanto estava na bancada. O Globo e a Folha de S. Paulo apresentaram nos dias seguintes à entrevista um erro sobre os dados de investimento em saneamento básico no país

O tema mais debatido pelos entrevistadores com Marina Silva foram os escândalos enquanto a candidata pertencia ainda ao Partido dos Trabalhadores. O outro tema muito discutido foi as alianças. A Folha de S. Paulo foi quem mais trouxe matérias sobre a candidata. Assim como O Globo, a Folha de S. Paulo e o Valor questionaram a falta de alianças durante a campanha e a governabilidade.

A entrevista de Serra teve repercussão em quatro matérias, uma em cada dia. Isso foi motivado pela presença dele no último dia na bancada. As matérias sobre o candidato foram mais diversificadas. O Valor Econômico, tratou sobre quatro assuntos, enquanto Marina foram três e Dilma dois.

Concluído este trabalho é possível perceber que é preciso acompanhar como a mídia tem manipulado e ocultado a informação do público. Os preceitos éticos e o compromisso da imprensa em retratar os assuntos foi deixado de lado para os interesses editoriais.

7. Referências bibliográficas

- ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. Companhia das Letras, São Paulo, 1988.
- ALBUQUERQUE, A.. *A campanha presidencial no Jornal Nacional: observações preliminares*. In: Comunicação & Política. Rio de Janeiro, 1(1): agosto/novembro, p 23-40. 1994.
- ARENDRT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- BAI, MATT. *The Last 20th-Century Election?* In New York Times. Nova York, novembro de 2006. Em <<http://www.nytimes.com/2006/11/10/magazine/12bai-preview.html?fta=y&pagewanted=all>>
- BORDIEU, P. *Memória e Sociedade*. Lisboa, Defel, 1989.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e Imprensa*, Companhia das Letras, São Paulo/SP, 2001.
- DORIGATTI, Bruno, *Não há jornalismo sem entrevista*. Rio de Janeiro: Portal Literal 1.0, 2007. Em <<http://portalliteral.terra.com.br/artigos/nao-ha-jornalismo-sem-entrevista>>
- GUERRA, Josenildo. *A objetividade no jornalismo*. Dissertação de mestrado, Facom/UFBA, agosto de 1998.
- KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica - ética no jornalismo brasileiro*. São Paulo, 1998.
- MIGUEL, L. F.. *Política e mídia no Brasil – episódios da história recente*, Brasília, Editora Plano. 2002
- RUBIM, A. A. C. (Org.). *Eleições presidenciais em 2002 no Brasil: ensaios sobre mídia, cultura e política*. São Paulo, v. , p. 91-105.
- SETTI, Ricardo. *O jornalismo político exclui o grande público*. Março 2005. em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=320IMQ001>>
- SOUZA, Florentina das Neves. *O Jornal Nacional e as Eleições presidenciais: 2002 e 2006*. 2007 – tese (doutorado) – escola de comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, 2007.
- THOMPSON, John B. "A mídia e a modernidade, uma teoria social da mídia". Petrópolis, Rj, Editora Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa, Vega, 1993, P. 91-100.

WEBER, Max. *Ciência e Política : duas vocações*. São Paulo: Ed.Cultrix, 2000.

8. Anexos

8.1 Entrevistas com os presidentiáveis

8.1.1 Entrevista Dilma Rousseff em 09 de agosto de 2010

William Bonner: Candidata, o seu nome como candidata do PT à Presidência foi indicado diretamente pelo presidente Lula, ele não esconde isso de ninguém. Algumas pessoas criticaram, disseram que foi uma medida autoritária, por não ter ouvido as bases do PT. Por outro lado, a senhora não tem experiência eleitoral nenhuma até este momento. A senhora se considera preparada para governar o Brasil longe do presidente Lula?

Dilma Rousseff: Olha, William, olha, Fátima, eu considero que eu tenho experiência administrativa suficiente. Eu fui secretária municipal da Fazenda, aliás, a primeira secretária municipal da Fazenda de capital. Depois eu fui sucessivamente, por duas vezes, secretária de Energia do Rio Grande do Sul. Assumi o ministério de Minas e Energia, também fui a primeira mulher, e fui coordenadora do governo ao assumir a chefia da Casa Civil, que, como vocês sabem, é o segundo cargo mais importante na hierarquia do governo federal. Então, eu me considero preparada para governar o país. E mais do que isso, eu tenho experiência, eu conheço o Brasil de ponta a ponta, conheço os problemas do governo brasileiro.

William Bonner: Mas a sua relação com o presidente Lula, a senhora faz questão de dizer que é muito afinada com ele. Junto a isso, o fato de a senhora não ter experiência e ter tido o nome indicado diretamente por ele, de alguma maneira a senhora acha que isso poderia fazer com que o eleitor a enxergasse ou enxergasse o presidente Lula atualmente como um tutor de seu governo, caso eleita?

Dilma Rousseff: Você sabe, Bonner, o pessoal tem de escolher o que é que eu sou. Uns dizem que eu sou uma mulher forte, outros dizem que eu tenho tutor. Eu quero te dizer o seguinte: a minha relação política com o presidente Lula, eu tenho imenso orgulho dela. Eu participei diretamente com o presidente, fui braço direito e esquerdo dele nesse processo de transformar o Brasil num país diferente, num país que cresce, que distribui renda, em que as pessoas têm a primeira vez, depois de muitos anos, a possibilidade de subir na vida. Então, eu não vejo problema nenhum na minha relação com o presidente Lula. Pelo contrário, eu vejo que até é um fator muito positivo, porque ele é um grande líder, e é reconhecido isso no mundo inteiro.

Fátima Bernardes: A senhora falou de temperamento. Alguns críticos, muitos críticos e alguns até aliados falam que a senhora tem um temperamento difícil. O que a gente espera de um presidente é que ele, entre outras coisas, seja capaz de fazer alianças, de negociar, ter habilidade política para fazer acordos. A senhora de que forma pretende que esse temperamento que dizem ser duro e difícil não interfira no seu governo caso eleita?

Dilma Rousseff: Fátima, estava respondendo justamente isso, eu acho que têm visões construídas a meu respeito. Eu acho que sou uma pessoa firme. Acho que em relação aos problemas do povo brasileiro, eu não vacilo. Acho que o que tem que ser resolvido prontamente, nós temos que fazer um enorme esforço. Eu me considero hoje, até pelo cargo que ocupei, extremamente preparada no sentido do diálogo. Nós, do governo Lula, somos eminentemente um governo do diálogo. Em relação aos movimentos sociais, você nunca vai ver o governo do presidente Lula tratando qualquer movimento social a cassetete. Primeiro nós negociamos, dialogamos. Agora, nós também sabemos fazer valer a nossa autoridade. Nada de ilegalidade nós compactuamos.

Fátima Bernardes: Agora, no caso, por exemplo, a senhora falou de não haver cassetete, mas talvez seja a forma de a senhora se comportar. O próprio presidente Lula, este ano, em discurso durante uma cerimônia de posse de

ministros, ele chegou a dizer que achava até natural haver queixas contra a senhora, mas que ele recebeu na sala dele várias pessoas, colegas, ex-ministros, ministros, que iam lá se queixar que a senhora maltratava eles.

Dilma Rousseff: Olha, Fátima, é o seguinte, no papel... Sabe dona de casa? No papel de cuidar do governo é meio como se a gente fosse mãe. Tem uma hora que você tem de cobrar resultado. Quando você cobra resultados, você tem de cobrar o seguinte: olha, é preciso que o Brasil se esforce, principalmente o governo, para que as coisas aconteçam, para que as estradas sejam pavimentadas, para que ocorra saneamento. Então tem uma hora que é que nem... Você imagina lá sua casa, a gente cobra. Agora, tem outra hora que você tem de incentivar, garantir que a pessoa tenha estímulo para fazer.

Fátima Bernardes: Como mãe eu entendo, mas, por exemplo, como presidente não tem uma hora que tem que ter facilidade de negociar, por exemplo, futuramente no Congresso, futuramente com líderes mundiais, ter um jogo de cintura aí?

William Bonner: O presidente falou em maltratar, não é, candidata?

Dilma Rousseff: Não, o presidente não falou em maltratar, o presidente falou que eu era dura.

William Bonner: Não, ele disse isso. A senhora me perdoe, mas o discurso dele está disponível. Ele disse assim: as pessoas diziam que foram maltratadas pela senhora. Mas a gente também não precisa ficar nessa questão até o fim da entrevista, têm outros temas.

Dilma Rousseff: É muito difícil, depois de anos e anos de paralisia, e houve isso no Brasil. O Brasil saiu de uma era de desemprego, desigualdade e estagnação para uma era de prosperidade. Nós tínhamos perdido a cultura do investimento...

William Bonner: Vamos falar de alianças políticas, o que é importante...

Dilma Rousseff: ...e aí houve uma força muito grande da minha parte nesse sentido, de cumprir meta, de fazer com que o governo Lula fosse esse sucesso que eu tenho certeza que ele está sendo.

William Bonner: A senhora tem agora nessa candidatura, além do apoio do presidente, a senhora também tem alianças, né?, formadas para essa sua candidatura. Por exemplo, a do deputado Jader Barbalho, por exemplo, a do senador Renan Calheiros, por exemplo, da família Sarney. A senhora tem o apoio do ex-presidente Fernando Collor. São todas figuras da política brasileira que, ao longo de muitos anos, o PT, o seu partido, criticou severamente. Eram considerados como oligarcas pelo PT. Onde foi que o PT errou, ou melhor, quando foi que ele errou: ele errou quando fez aquelas críticas todas ou está errando agora, quando botou todo mundo debaixo do mesmo guarda-chuva?

Dilma Rousseff: Eu vou te falar. Eu perguntava outra coisa: onde foi que o PT acertou? O PT acertou quando percebeu que governar um país com a complexidade do Brasil implica necessariamente a sua capacidade de construir uma aliança ampla.

William Bonner: Errou lá atrás?

Dilma Rousseff: Não. Nós não... O PT não tinha experiência de governo, agora tem. Agora... Nós não erramos e vou te explicar em que sentido: não é que nós aderimos ao pensamento de quem quer que seja. O governo Lula tinha uma diretriz: focar na questão social. Fazer com que o país tivesse a seguinte oportunidade: primeiro, um país que era considerado dos mais desiguais do mundo, diminuir em 24 milhões a pobreza. Um país em que as pessoas não subiam na vida elevar para as classes médias 31 milhões de brasileiros. Para fazer isso, quem nos apoia, aceitando os nossos princípios e aceitando as nossas diretrizes de governo, a gente aceita do nosso lado. Não nos termos de quem quer que seja, mas nos termos de um governo que quer levar o Brasil para um outro patamar, para uma outra...

William Bonner: O resumo é: o PT não errou nem naquela ocasião, nem agora.

Dilma Rousseff: Não, eu acho que o PT não tinha tanta experiência, sabe, Bonner, eu reconheço isso. Ninguém pode achar que um partido como o PT, que nunca tinha estado no governo

federal, tem, naquele momento, a mesma experiência que tem hoje. Acho que o PT aprendeu muito, mudou, porque a capacidade de mudar é importante.

William Bonner: Vamos lá. Candidata, vamos aproveitar o tempo da melhor maneira. O PT tem hoje já nas costas oito anos de governo. Então é razoável que a gente tente abordar aqui alguma das realizações. Vamos discutir um pouco o desempenho do governo em algumas áreas, começando pela economia. O governo festeja, comemora muito melhoras da área econômica. No entanto, o que a gente observa, é que quando se compara o crescimento do Brasil com países vizinhos, como Uruguai, Argentina, Bolívia, e também com aqueles pares dos Brics, os chamados países emergentes, como China, Índia, Rússia, o crescimento do Brasil tem sido sempre menor do que o de todos eles. Por quê?

Dilma Rousseff: Olha, eu acredito que nós tivemos um processo muito mais duro no Brasil com a crise da dívida e com o governo que nos antecedeu.

William Bonner: Mais duro do que no Uruguai e na Bolívia, candidata?

Dilma Rousseff: Acho que o Uruguai e a Bolívia são países, sem nenhum menosprezo, acho que os países pequenos têm que ser respeitados, do tamanho de alguns estados menores no Brasil. O Brasil é um país de 190 milhões de habitantes. Nós tivemos um processo no Brasil muito duro. Quando chegamos no governo, a inflação estava fora do controle. Nós tínhamos uma dívida com o Fundo Monetário, que vinha aqui e dava toda a receita do que a gente ia fazer.

William Bonner: Correto, candidata. Mas a Rússia. A Rússia também teve dificuldades e é um país enorme...

Dilma Rousseff: Mas, só um pouquinho. Mas o que nós tivemos que fazer, Bonner. Nós tivemos que fazer um esforço muito grande para colocar as finanças no lugar e depois, com estabilidade, crescer. E isso, este ano, a discussão nossa é que estamos entre os países que mais crescem no mundo, estamos com a possibilidade de ter uma taxa de crescimento do Produto Interno Bruto de 7%.

William Bonner: Mas abaixo dos demais.

Dilma Rousseff: Não necessariamente, Bonner. Porque a queda, por exemplo, na Rússia... Sem falar, sem fazer comparações com soberba... Mas a queda da economia russa no ano passado foi terrível.

William Bonner: A senhora, de alguma maneira...

Fátima Bernardes: Vamos falar agora... Só um minutinho.

Dilma Rousseff: Criamos quase 1,7 milhão de empregos no ano da crise.

Fátima Bernardes: Candidata, vamos falar um pouquinho de outro problema, que é o saneamento. Segundo dados do IBGE, o saneamento no Brasil passou de 46,4% para 53,2% no governo Lula, um aumento pequeno, de 1 ponto percentual mais ou menos, ao ano. Por que o resultado fraco numa área que é muito importante para a população?

Dilma Rousseff: Porque nós vamos ter um resultado excepcional a partir dos dados quando for feita a pesquisa em 2010. Talvez, Fátima, uma das áreas em que eu mais me empenhei foi a área de saneamento. Porque o Brasil, só para você ter uma ideia, investia menos de R\$ 300 milhões, o governo federal, menos de R\$ 300 milhões no Brasil inteiro. Hoje, aqui no Rio, numa favela, aqui, a da Rocinha, em que eu estive hoje, nós investimos mais de R\$ 270 milhões.

Fátima Bernardes: Mas, candidata, esses são dados de seis anos. Quer dizer, esse resultado que a senhora está falando... vai aparecer de um ano e meio para cá?

Dilma Rousseff: O que aconteceu. Nós lançamos o Programa de Aceleração do Crescimento, para o caso do saneamento, na metade de 2007. Começou a amadurecer porque o

país parou de fazer projetos, prefeitos e governadores. Apresentaram os projetos agora, em torno do início de 2008, e aceleraram. Eu estava vendo recentemente que nós temos hoje uma execução de obras no Brasil inteiro. Aqui, Rocinha, Pavão-Pavãozinho, Complexo do Alemão. Obras de saneamento, obras de habitação. A Baixada Santista, no Rio, e a Baixada Fluminense aqui no Rio de Janeiro, ela teve um investimento monumental em saneamento.

Fátima Bernardes: A gente gostaria agora que a senhora, em 30 segundos, desse uma mensagem ao eleitor, se despedindo então da sua participação no Jornal Nacional.

Dilma Rousseff: Olha, eu agradeço a vocês dois e quero dizer para o eleitor o seguinte: o meu projeto é dar continuidade ao governo do presidente Lula. Mas não é repetir. É avançar e aprofundar, é basicamente esse olhar social, que tira o Brasil de uma situação de país emergente e leva o nosso país a uma situação de país desenvolvido, com renda, com salário decente, com professores bem pagos e bem treinados. Eu acredito que o Brasil... É a hora e a vez dele. E que nós vamos chegar a uma situação muito diferente, cada vez mais avançada agora no final de 2014, deste governo.

Fátima Bernardes: Muito obrigada, candidata, pela sua participação aqui na bancada do Jornal Nacional.

Duração da entrevista: 12:25

8.1.2 Entrevista Marina Silva em 10 de agosto de 2010

Fátima Bernardes: Candidata, a sua atuação na vida pública, como ministra, como senadora, foi especificamente voltada para a área do meio ambiente. A senhora não tem uma experiência administrativa em nenhuma outra área, em nenhum outro setor. Como é que a senhora pretende convencer o eleitor de que a sua candidatura é para valer e que ela não é apenas uma candidatura para marcar posição nessa questão do meio ambiente?

Marina Silva: Em primeiro lugar, Fátima, chamando a atenção da sociedade brasileira para a relevância das coisas que a gente está vivendo hoje, e eu sempre penso da seguinte forma: até 2014, qual será a temperatura da Terra? Até 2014, quantas crianças ainda continuarão sem ter a chance de chegar sequer à oitava série? Até 2014, quantas pessoas serão soterradas pelas enchentes por falta de cuidado? E, até 2014, quantos produtos nós não perderemos em função da falta de infraestrutura? Quantas oportunidades nós não perderemos em função da falta de educação de qualidade? E então...

Fátima Bernardes: Quer dizer que a senhora acha que essa questão do meio ambiente passa por todos esses outros setores?

Marina Silva: Com certeza. A minha candidatura é para agora porque o Brasil não pode esperar. Todas essas questões que eu coloquei agora para você, Fátima, elas são uma emergência, uma emergência para o cidadão que fica na fila esperando horas e horas para poder fazer um exame, uma emergência para a mãe que quer ter dias melhores para o seu filho porque ela já não aguenta mais a vida dura que tem e uma emergência para o Brasil, que tem imensas oportunidades de se desenvolver com justiça social, de melhorar a vida das pessoas.

William Bonner: Agora, candidata, perdoo, a senhora é candidata do Partido Verde e, até este momento, apresenta-se na eleição sem o apoio de nenhum outro partido. Se a senhora não conseguiu apoio para formar uma aliança agora antes da eleição, como é que a senhora vai formar uma base de sustentação para governar o Brasil depois, dentro do Congresso Nacional?

Marina Silva: Olha só, Bonner, eu acho que para mim é até mais fácil, sabe? É mais fácil, pelo seguinte: porque eu fico olhando para a ministra Dilma e para o governador Serra e eles já estão tão comprometidos com as alianças que fizeram que eles só podem repetir mais do mesmo, do mesmo quando foi o governo do presidente Fernando Henrique, que ficou refém do fisiologismo dos Democratas. E o presidente Lula, mesmo com toda a popularidade, acabou ficando refém do fisiologismo do PMDB.

William Bonner: Mas veja o raciocínio, o raciocínio que eu proponho...

Marina Silva: Deixe só eu completar meu raciocínio, por favor...

William Bonner: É que tem a ver com isso...

Marina Silva: Não, eu sei, eu sei, só para que a gente possa concluir. É, então, como eu estou dizendo que, se ganhar, eu quero governar com os melhores e já estou dizendo que é fundamental um diálogo entre o PT e o PSDB, estou dizendo que eu quero governar com a ajuda deles. Então eu vou compor uma base de sustentação já respaldada pela sociedade com essa ideia de que nós temos que acabar com a situação pela situação e com a oposição pela oposição e trabalhando a favor do Brasil. É assim que eu quero trabalhar. É isso o que eu estou dizendo e, pode ter certeza, quem pode estabelecer um ponto de união entre essas forças que não conversam e que nos seus oito anos de oposição ou de situação se confrontaram se chama Marina Silva.

William Bonner: A questão que eu ia colocar é a seguinte: se a senhora não conseguiu formar essa base de apoio agora, depois da eleição, uma base de apoio que se forme depois da eleição, não tem uma tendência maior ao tal fisiologismo que a senhora mesmo está criticando?

Marina Silva: Não tem, não tem...

William Bonner: Uma barganha de cargos federais...

Marina Silva: Não tem, Bonner, não tem. Sabe por quê? Porque existe muita gente boa em todos os partidos.

Fátima Bernardes: A senhora olhando para o seu partido, a senhora considera que o PV, ele tem quadros, olhando para os seus colegas, para governar o Brasil?

Marina Silva: Ele tem alguns quadros. Mas quem foi que disse que para governar você tem que governar apenas com os quadros de seu partido?

Fátima Bernardes: Não, eu estou perguntando porque ainda não há um acordo estabelecendo outras alianças.

Marina Silva: O presidente Lula teve de governar, inclusive, com quadros do PSDB. O PSDB trouxe quadros da sociedade, da academia. Eu, quando estava no ministério do Meio Ambiente, por exemplo, eu peguei as melhores pessoas que estavam na academia, que já estavam na gestão pública, que estavam dentro, enfim, de ONGs, sim, mas as pessoas mais competentes. E quando precisei, toda vez que precisei, Bonner, de aprovar leis no Congresso, a Lei de Gestão de Florestas Públicas, por exemplo, fundamental para o desenvolvimento sustentável da Amazônia, eu consegui aprovar os meus projetos com o apoio de todos os partidos, conversando com todos os partidos. É isso que o Brasil precisa. O Brasil precisa de um olhar que coloque em primeiro lugar as necessidades dos brasileiros, da saúde, da educação, da segurança pública, da infraestrutura.

William Bonner: Ok.

Marina Silva: O nosso país não pode mais esperar e perder tempo com essa briga que não nos leva a lugar nenhum.

William Bonner: Candidata, vamos falar então... A senhora mencionou a questão, o papel do partido político. A senhora declarou já em algumas entrevistas que deixou o governo Lula e deixou o PT porque discordava da maneira como era conduzida a política ambiental no governo. No entanto, se nós voltarmos no tempo até aquele período do escândalo do mensalão, a senhora não veio a público para fazer uma condenação veemente daquele desvio moral de alguns integrantes do PT. A pergunta que eu lhe faço é a seguinte: o seu silêncio naquela ocasião não pode ser interpretado de uma certa maneira como uma conivência com aqueles desmandos?

Marina Silva: Não, Bonner, não foi conivência, e também não foi silêncio. É que, lamentavelmente, todas as vezes em que eu me pronunciava eu não tinha ninguém para me dar audiência e potencializar a minha voz. Mas eu falava.

William Bonner: A senhora diz dentro do governo?

Marina Silva: Dentro, fora.

William Bonner: Dentro do partido?

Marina Silva: Publicamente, nas palestras que eu dava, eu sempre dizia que aquilo era condenável, que deveria ser investigado, e que deveriam ser punidos todos os que praticaram irregularidades.

William Bonner: Mas, ministra...

Marina Silva: Agora, o que eu dizia sempre, Bonner, era uma coisa, é o seguinte: é que nem todos praticaram erros. E eu não pratiquei. Conheço milhares de pessoas que não praticaram o mesmo erro. E dentro do PT tinha muita gente que combatia junto comigo. Agora, para combater contra a falta de prioridade para as questões ambientais, aí eu era uma minoria. E foi por isso que eu saí. Eu saí porque não encontrava o apoio necessário para as políticas de meio ambiente que façam esse encontro entre desenvolver e proteger as riquezas naturais.

William Bonner: No entanto, o seu desconforto, vamos dizer assim, o seu desconforto ético com o mensalão não foi suficientemente forte para levá-la a deixar o cargo de ministra.

Marina Silva: Foi forte, sim, mas eu sabia que eu estava combatendo por dentro. E que conseguiria ser vitoriosa. Primeiro porque eu não tinha praticado nenhuma irregularidade. Agora, para continuar lutando pelas ideias que eu defendia, isso eu achava que não tinha mais tempo.

William Bonner: E como a senhora analisou...

Marina Silva: Sabe por quê? Porque é possível, Bonner, sabe, juntar as duas coisas. Existe uma ideia dentro do governo, dos demais partidos, na sociedade, que meio ambiente e desenvolvimento são incompatíveis. E eu conheço muitas empresas que já estão fazendo da defesa do meio ambiente uma grande oportunidade para gerar emprego, para gerar melhoria de vida das pessoas. E posso te dizer uma coisa: toda a vez que as pessoas me dizem 'mas Marina, as pessoas não entendem isso que você está falando', eu digo: elas entendem sim, entendem, Fátima. Aqui no Rio de Janeiro...

William Bonner: Só uma coisa, candidata.

Marina Silva: ...quando as casas foram...

William Bonner: Candidata, me permita só uma coisa.

Marina Silva: Não, só concluindo Bonner.

William Bonner: Eu peço para interromper porque em nome do público...

Marina Silva: Isso, tá bom, tá bom.

William Bonner: Porque a pergunta que eu lhe dirigia era sobre um momento muito específico da história e eu queria que a senhora tratasse dessa questão polêmica e não fosse para outro assunto. Eu estou consumindo 30 segundos da entrevista para fazer esse esclarecimento e eu lhe devolverei para a entrevista. Eu só queria que a senhora esclarecesse para mim qual foi e de que maneira a senhora viu a saída de alguns colegas seus então de PT, alguns, inclusive, fundadores do partido, que deixaram o partido indignados na época do mensalão, chorando. Como a senhora viu a ação deles, que não foi a ação que a senhora teve naquela ocasião?

Marina Silva: Bem, eu permaneci no partido e fiquei igualmente indignada. Fiz o combate a minha vida inteira contra a corrupção e acho que a corrupção, Bonner, é o pior câncer da sociedade. E ninguém pode se vangloriar de ser honesto. Para mim, ser honesto é uma condição do indivíduo. Qualquer pessoa, onde quer que ela esteja, ela tem que ser uma pessoa honesta, seja como político, como professor, como dona de casa, como empregada doméstica. A pessoa tem que ser honesta. Agora, naquele momento em que saíram pessoas do Partido dos Trabalhadores, eu permaneci para dar a contribuição que eu achava que ainda poderia dar dentro do governo, mas não por ser conivente. Agora, tem uma coisa que a gente precisa entender: combater a corrupção é uma luta constante. Como é que a gente combate a corrupção? Com transparência, permitindo que as instituições funcionem, o Ministério Público, o Tribunal de Contas, criando ferramentas de controle dentro do próprio governo, não permitindo que as coisas vão primeiro se consolidando antes de você fazer o combate necessário. Você tem que identificar durante o processo e fechar a torneira da corrupção quando ela está acontecendo. É isso que precisa ser feito.

Fátima Bernardes: Candidata, vamos abordar, então, um outro tema. Muita gente do governo e fora dele se queixava de que, durante a sua gestão à frente do Ministério do Meio Ambiente, a liberação de licenças ambientais, elas estavam muito lentas, e que isso, licenças ambientais para obras de infraestrutura, e que isso atrapalhava o desenvolvimento. Como é que a senhora enxergava essas críticas de que essa demora possa ter atrasado essas obras?

Marina Silva: Olha, naquela época até com uma certa naturalidade. Sabe por quê? Porque o ministério estava todo desestruturado e eu tinha que fazer concurso, e eu tive que criar várias diretorias e coordenadorias. Só que, quando nós começamos a arrumar a casa, aumentaram

significativamente as licenças. No governo anterior, era uma média de 145 licenças por ano. Na minha gestão, foi de 265 licenças por ano. Agora, uma coisa eu posso te dizer: é possível aperfeiçoar o licenciamento? É possível aperfeiçoar. E com esse aperfeiçoamento você vai viabilizar com mais agilidade, sem perda de qualidade, a infraestrutura do Brasil, que hoje, de fato, está colapsando. Nós temos problemas com os aeroportos, nós temos problemas em relação a estradas, nós temos problemas em relação a energia, tudo isso pode ser oferecido para a sociedade compatibilizando duas coisas: meio ambiente, melhoria da vida das pessoas e o desenvolvimento que o Brasil precisa.

Fátima Bernardes: Quer dizer, nesse caso, a senhora está dizendo que no caso da senhora estando no governo, essa lentidão, ela, por exemplo, não vai provocar esse atraso ainda mais ou agravar ainda mais esses gargalos que a senhora citou, econômicos, e provocar, por exemplo, no setor energético, um risco de um novo apagão por demora na liberação dessas licenças?

Marina Silva: De jeito nenhum. Nós vamos trabalhar com o sentido de urgência que esse país tem para a sua infraestrutura, tanto em aeroportos como na questão da energia, das estradas, tudo o que o Brasil precisa para se desenvolver, Fátima. E vamos fazer isso sem negligenciar os cuidados com o meio ambiente, mas tendo a clareza de que o desenvolvimento do nosso país melhora a vida das pessoas. Sabe como melhora a vida das pessoas? Quando aquela família, que muitas vezes não tem como conseguir um emprego, começa a conseguir um emprego. Quando aquela mãe que não teve uma chance na vida, que é uma mulher pobre, não teve uma chance na vida, ela sabe que, se tiver uma escola melhor, o seu filho pode ter dias melhores. Eu sei o que significa educação, porque foi com a educação que eu consegui entrar pela porta da frente no Brasil.

William Bonner: Candidata, a senhora tem 30 segundos para se dirigir ao eleitor e pedir a ele o seu voto, dando a ele a última mensagem. Por favor.

Marina Silva: Bem, primeiro eu quero agradecer a Deus por estar aqui, porque eu sei que esse país é um país maravilhoso. Só num país como o Brasil, com a democracia que temos, é possível uma pessoa que nasceu lá na Floresta Amazônica, que foi analfabeta até os 16 anos, que teve que passar por várias dificuldades de saúde, pode chegar aqui na condição de se colocar como a primeira mulher de origem humilde para ser presidente da República. Esse Brasil já conseguiu restaurar sua democracia, teve um sociólogo que fez as transformações econômicas, um operário que fez as transformações sociais e eu para fazer as grandes transformações na educação.

William Bonner: Obrigado, candidata. Muito obrigado pela sua participação aqui, ao vivo, no Jornal Nacional.

Marina Silva: Eu é que agradeço.

Duração da entrevista: 13:02

8.1.3 Entrevista José Serra em 11 de agosto de 2010

William Bonner: Candidato, desde o início desta campanha, o senhor tem procurado evitar críticas ao presidente Lula. O senhor acha que... E em alguns casos fez até elogios a ele... o senhor acha que essa é a postura que o eleitor espera de um candidato da oposição?

José Serra: Olha, o Lula não é candidato a presidente. O Lula, a partir de 1º de janeiro, não vai ser mais presidente da República. Quem estiver lá vai ter de conduzir o Brasil. Não há presidente que possa governar na garupa, ouvindo terceiros ou sendo monitorado por terceiros. Eu estou focado no futuro. Hoje tem problemas e tem coisas boas. O que nós temos que fazer? Reforçar aquilo que está bem e corrigir e poder melhorar aquilo que não andou direito. É por isso que eu tenho enfatizado sempre que o Brasil precisa e que o Brasil pode mais. Onde? Na área da saúde, na área da segurança, na área da educação, inclusive do ensino profissionalizante. Meu foco não é o Lula. Ele não está concorrendo comigo.

William Bonner: Entendo. Agora, candidato, o senhor avalia o risco que o senhor corre de essa sua postura ser interpretada como um receio de ter que enfrentar a popularidade alta do presidente Lula?

José Serra: Não, não vejo por quê. Eu acho que as pessoas estão preocupadas com o futuro, né? Quem vai tocar o Brasil, quem tem mais condições de poder tocar o Brasil para a frente, que não é uma tarefa fácil. Inclusive de pegar aqueles problemas que hoje a população considera como os mais críticos e resolvê-los. Dou como exemplo, novamente, entre outros, a questão da saúde. Então, o importante agora é isso. E as pessoas estão nisso. O governo Lula fez coisas positivas, né? Outras coisas, deixou de fazer. A discussão não é o Lula. A discussão é o que vem para a frente, tá certo? Os problemas do Brasil de hoje e o que tem por diante.

Fátima Bernardes: O senhor tem insistido muito na tecla de que o eleitor deve procurar comparar as biografias dos candidatos que estarão concorrendo, que estão concorrendo nesta eleição. O senhor evita uma comparação de governos. Por exemplo, por quê, entre o governo atual e o governo anterior?

José Serra: Olha, porque são condições diferentes. Eles governaram em períodos diferentes, em circunstâncias diferentes. O governo anterior, do Fernando Henrique, fez uma... muitas contribuições ao Brasil, entre elas o Plano Real. A inflação era de 5.000% ao ano, né? E ela foi quebrada a espinha. As novas gerações nem têm boa memória disso. E várias outras coisas que o governo Lula recolheu e seguiu. O Antonio Palocci, que foi ministro da Fazenda do Lula e hoje é o principal assessor da candidata do PT, nunca parou de elogiar, por exemplo, o governo Fernando Henrique. Mas nós não estamos fazendo uma disputa sobre o passado. É como se eu ficasse discutindo, para ganhar a próxima Copa do Mundo, quem foi o melhor técnico: o Scolari ou o Parreira?

Fátima Bernardes: Mas...

José Serra: E o Mano Menezes, Fátima, desculpe, fosse estar preocupado em saber quem era melhor para efeito de ganhar a Copa de 14. Isso é uma coisa que os adversários fazem para tirar o foco de que o próximo presidente vai ter de governar e não pode ir na garupa. E tem que ter ideias também. Não só coisas que fez no passado, mas também ideias a respeito do futuro.

Fátima Bernardes: Mas, por exemplo, avaliar, analisar fracassos e sucessos não ajuda o eleitor na hora de ele decidir pelo voto dele?

José Serra: Por isso... E é isso o que eu estou fazendo. Por exemplo, mostro na saúde. Eu fui ministro da Saúde. Fiz os genéricos, os mutirões, a campanha contra a Aids que foi considerada a melhor campanha contra a Aids do mundo, uma série de coisas. A saúde, nos últimos anos, não andou bem. Por exemplo, queda, diminuição do número de cirurgias eletivas, aquelas que não precisa fazer de um dia para o outro, mas são muito importantes. Caiu, né? Pararam os mutirões. Muita prevenção que se fazia acabou ficando para trás. Faltam ainda hospitais nas regiões mais afastadas dos grandes centros. Tem problemas com as consultas, tem problemas de demoras.

Enfim, tem um conjunto de coisas, inclusive relacionadas por exemplo com a saúde da mulher. Tudo isso precisa ser equacionado no presente. Eu estou apontando os problemas existentes.

William Bonner: Agora, candidato, vamos ver uma questão... O senhor me permita, para a gente poder conversar melhor.

José Serra: Sim, sim, claro.

William Bonner: Uma questão política. Nesta eleição, existem contradições muito claras nas alianças formadas pelos dois partidos que têm polarizado as eleições presidenciais brasileiras aí nos últimos 16 anos, né? O PT se aliou a desafetos históricos. O seu partido, o PSDB, está ao lado do PTB, um partido envolvido no escândalo do mensalão petista, no escândalo que inclusive foi investigado e foi condenado de forma muito veemente pelo seu partido, o PSDB. Então, a pergunta é a seguinte: o PSDB errou lá atrás quando condenou o PTB ou está errando agora quando se alia a esse partido?

José Serra: William, é uma boa pergunta. O PTB, no caso de São Paulo, por exemplo, sempre esteve com o PSDB, de uma ou de outra maneira. Isso teve uma influência grande na aliança nacional. Os partidos, você sabe, são muito heterogêneos. O personagem principal... Os personagens principais do mensalão nem foram do PTB. Os personagens principais foram do PT, aliás, mediante denúncia do Roberto Jefferson, que era então líder do PTB.

William Bonner: Os nomes de petebistas, todos, uma lista muito vasta, começando pelo Maurício Marinho.

José Serra: Você tem 40 lá no Supremo Tribunal Federal...

William Bonner: Não, exato.

José Serra: E o PT ganha disparado.

William Bonner: Mas não há nenhum constrangimento para o senhor pelo fato de esta aliança por parte do seu partido, o PSDB, ter sido assinada com o PTB pelas mãos do presidente do partido que teve o mandato cassado inclusive com votos de políticos do seu partido, o PSDB? Isso não provoca nenhum tipo de constrangimento?

José Serra: Olha, o Roberto Jefferson, é o presidente do PTB, ele não é candidato. Ele conhece muito bem o meu programa de governo, o meu estilo de governar. O PTB está conosco dentro dessa perspectiva. Eu não tenho compromisso com o erro. Aliás, nunca tive na minha vida. Tem coisa errada, as pessoas pagam, né? Quem é responsável por si é aquele que comete o erro, é ele que deve pagar. Eu não fico julgando. Mas eu não tenho compromisso com nenhum erro. Agora, quem está comigo sabe o jeito que eu trabalho. Por exemplo, eu não faço aquele loteamento de cargos. Para mim, não tem grupinho de deputados indicando diretor financeiro de uma empresa ou indicando diretor de compras de outra. Por quê? Para que que um deputado quer isso? Evidentemente não é pra ajudar a melhorar o desempenho. É para corrupção. Comigo isso não acontece. Não aconteceu na saúde, no governo de São Paulo e na prefeitura.

Fátima Bernardes: Candidato, nesta eleição, quer dizer, o senhor destaca muito a sua experiência política. Mas na hora da escolha do seu vice, houve um certo, um certo conflito com o DEM exatamente porque houve uma demora para o aparecimento desse nome. Muitos dos seus críticos atribuem essa demora ao seu perfil centralizador. O nome do deputado Índio da Costa apareceu 18 dias depois da sua oficialização, da convenção que oficializou a sua candidatura. É... O senhor considera que o deputado, em primeiro mandato, está pronto para ser o vice-presidente, uma função tão importante?

José Serra: Está. Fátima, deixa só eu te dizer uma coisa. Eu não sou centralizador. Eu sei que tenho a fama de centralizador. Mas no trabalho, eu delego muito. Eu sou mais um cobrador. Eu acompanho tudo.

Fátima Bernardes: Eu falei centralizador porque até no seu discurso de despedida do governo de São Paulo, o senhor mesmo explicou sobre essa fama de centralizador.

José Serra: Que eu não era centralizador. E todo mundo que trabalha comigo sabe disso, eu delego muito. Agora, eu acompanho porque quem coordena, quem chefia tem que acompanhar para as coisas acontecerem. A questão da vice estava orientada numa direção. Por circunstâncias políticas, acabou não acontecendo. E o Índio da Costa, que foi o escolhido, estava entre os nomes que a gente cogitava. Só que isso não tinha ido para a opinião pública porque senão é uma fofoca só. Fulano, cicrano, isso e aquilo. Ele disputou quatro eleições, é um homem de 40 anos e foi um dos líderes da aprovação do ficha limpa no Congresso. Eu acho que...

Fátima Bernardes: Mas a experiência dele é municipal, na verdade, não é? Ele teve três mandatos de vereador, o senhor acha que isso o qualifica?

José Serra: É um mandato deputado federal.

Fátima Bernardes: Que ele está exercendo pela primeira vez.

José Serra: Eu acho que isso o qualifica perfeitamente. O que vale é a experiência na vida pública. Tem livros sobre administração e eu insisto. Sua atuação no Congresso Nacional foi marcada pelo ficha limpa. Se você for pegar também outros vices, do ponto de vista da experiência pública, cada um tem suas limitações. Mas eu não estou aqui para ficar julgando os outros. Eu só sei que o meu vice, jovem, ficha limpa, preparado, com muita vontade, e do Rio de Janeiro, é um vice adequado. Eu me sinto muito bem com ele. Agora, devo dizer o seguinte...

William Bonner: Candidato... Candidato.

José Serra: Eu tenho muita boa saúde. Ninguém está sendo vice comigo achando que eu não vou concluir o mandato.

William Bonner: Mas um vice não assume só nessas circunstâncias...

Fátima Bernardes: Trágicas.

José Serra: Mas, enfim... Eu não sei até que ponto...

William Bonner: Candidato, eu gostaria de abordar um pouquinho também da sua passagem pelo governo de São Paulo. O senhor foi governo em São Paulo durante quatro anos, seu partido está no poder em São Paulo há 16 anos. Então é razoável que a gente avalie aqui algumas dessas ações. A primeira que eu colocaria em questão aqui é um hábito que o senhor mesmo tem de criticar o modelo de concessão das estradas federais. De outro lado, os usuários, muitos usuários das estradas estaduais de São Paulo que estão sob regime de concessão, se queixam muito do preço e da frequência com que são obrigados a parar para pedágio, quer dizer, uma quantidade de praças de pedágio que eles consideram excessiva. Pergunta: o senhor pretende levar para o Brasil inteiro esse modelo de concessão de estradas estaduais de São Paulo?

José Serra: Olha, antes disso. No caso de São Paulo, tem uma pesquisa da Confederação Nacional dos Transportes, um organismo independente: 75% dos usuários das estradas do Brasil acham as paulistas ótimas ou boas. 75%, um índice de aprovação altíssimo. Isso para as federais é apenas 25%. De cada dez estradas federais, sete estão esburacadas. São as rodovias da morte. Na Bahia, em Minas, BH, Belo Horizonte, Governador Valadares, em Santa Catarina. Enfim, por toda a parte. O governo federal fez um tipo de concessão que não está funcionando.

William Bonner: Mas a que o senhor fez motivou críticas quanto ao preço. Então a questão que se impõe é a seguinte, candidato: não existe um meio termo? Ou o cidadão brasileiro tem uma estrada boa e cara ou ele tem uma estrada ruim e barata. Não tem um meio termo nessa história?

José Serra: Eu acho que pode ter uma estrada boa que não seja cara, se você trabalhar direito. Por exemplo, a concessão que eu fiz da Ayrton Senna. O pedágio anterior era cobrado pelo

órgão estadual. Caiu para a metade o pedágio. É que realmente, geralmente, os exemplos bons não veem...

William Bonner: Mas esse modelo vai ser exportado para as estradas federais?

José Serra: Esse modelo que diminuiu pode ser adotado, porque você tem critérios para ser examinados. O governo federal fez estradas pedagiadas. Só que estão, por exemplo, no caso de São Paulo, a Régis Bittencourt, que é federal, ela continua sendo a rodovia da morte. E a Fernão Dias, Minas-São Paulo, está fechada. Você percebe? Nunca o Brasil esteve com as estradas tão ruins. Agora, tem mais: em 1000 é, é, no começo de 2003 para cá, foram arrecadados R\$ 65 bilhões para transportes, para estradas na Cide. É um imposto. Sabe quanto foi gasto disso pelo governo federal? Vinte e cinco. Ou seja, foram R\$ 40 bilhões arrecadados dos contribuintes para investir em estradas do governo federal que não foram utilizados. A primeira coisa que eu vou fazer, William, é utilizar esses recursos para melhorar as estradas. Não é o assunto de concessão que está na ordem do dia. É gastar. É entender o seguinte: por que de cada R\$ 3 que o Governo Federal arrecadou, foram 65, ele gastou um terço disso? É uma barbaridade.

Fátima Bernardes: Nós estamos...

José Serra: Por isso as estradas federais estão nessa situação. Desculpa, Fátima, fala.

Fátima Bernardes: Não, candidato. É que como nós temos um tempo, eu queria dar ao senhor os 30 segundos para o encerramento, para o senhor se dirigir ao...

José Serra: Já passou?!

Fátima Bernardes: Já passou, já estamos, olhe lá, Onze e quarenta e sete e os seus eleitores.

José Serra: Olha, eu vim aqui, queria, em primeiro lugar, agradecer a vocês por essa oportunidade. Eu tenho uma origem modesta, meus pais eram muito modestos. Eu acho que eles nunca sonharam que um dia eu estaria aqui no Jornal Nacional, que eles assistiam diariamente, aliás pela segunda vez, falando como candidato a presidente da República. Eu devo a eles até onde eu cheguei. Devo a eles, devo à escola pública e acabei virando professor universitário, mas também sempre ligado às questões públicas, desde que eu fui presidente da União Nacional dos Estudantes até hoje. O que eu peço hoje...

William Bonner: Seu tempo, candidato.

José Serra: Para concluir é o seguinte: eu acho que o Brasil pode continuar e pode melhorar muito. O que eu queria pedir às pessoas...

William Bonner: Candidato, o senhor me obriga a interrompê-lo, me perdoe, me perdoe.

José Serra: Não posso nem falar um pouquinho?

William Bonner: É em respeito... Não posso. Porque é em respeito aos demais candidatos que estiveram aqui. E eu sei que o senhor vai compreender. E eu quero agradecer a sua presença aqui.

José Serra: Não. Eu compreendo. Obrigado.

Duração da entrevista: 12:45

8.2 Reportagens na mídia impressa

8.2.1 – Correio Braziliense

10 de agosto de 2010

VEM AÍ O DISQUE-DILMA

Campanha da petista começa a testar serviço de telemarketing para divulgar as ações da ex-ministra da Casa Civil
Josie Jerônimo

Um dia a moça da operadora do celular; no outro, a do cartão de crédito; e, durante as eleições, Dilma Rousseff. A campanha petista testa a utilização de mensagens de telemarketing para aproximar a presidenciável dos lares brasileiros. O Disque-Dilma já está em fase de testes. O resultado das primeiras ações da equipe de telemarketing foi elogiado por petistas que atuam na campanha, mas o preço do serviço preocupa um pouco. A cada telefonema feito para um eleitor, o cofrinho da campanha fica de R\$ 0,12 a R\$ 0,18 mais magro, segundo o secretário de Comunicação do PT, deputado André Vargas (PR). A gente faz sorteio e liga. Vale a pena, todo contato em uma eleição judicializada como essa tem valor. Mas é um método muito caro. É preciso calcular melhor, receber as receitas para ver se é possível, se é viável ligar para todos os eleitores, explica Vargas.

Na primeira prestação parcial de despesas de campanha, o comitê financeiro da candidata registrou que as primeiras incursões na área de publicidade por telemarketing custaram R\$ 120 mil. A equipe de Dilma informa que nessa primeira etapa as mensagens não serão utilizadas para pedir, diretamente, o voto do eleitor. O objetivo das mensagens, alegam aliados, seria convidar moradores de bairros ou cidades próximas aos locais em que a candidata participa de eventos públicos a comparecerem ao ato pró-Dilma. Para levar gente para a rua, a central de telemarketing usará banco de dados de eleitores cadastrados pelo comitê de campanha e do PT.

Mas a cereja do bolo da estratégia do Disque-Dilma é a voz da candidata. Os marqueteiros ainda analisam a viabilidade de a ex-ministra gravar mensagens específicas convidando o eleitorado para os eventos de campanha. Em casa ou no celular, o sorteado atenderia o telefone e ouviria a presidenciável do outro lado da linha. Os petistas apostam no sucesso da proximidade com o eleitor. Mas o telemarketing personalizado esbarra na agenda apertada da petista. Segundo Vargas, a possibilidade de Dilma gravar mensagens será avaliada pelo momento da campanha.

Outro cuidado que os coordenadores de campanha têm, ao iniciar o telemarketing político, é não deixar o eleitor saturado. Os responsáveis pela criação do sistema de mensagens de Dilma não poderão usar o mesmo banco de dados da internet, para não bombardear um só cidadão com dezenas de mídias. Quem já integra ou recebe materiais das redes sociais não deve ser alvo dos telefonemas. O PT não quer duplicar a mobilização sobre um mesmo eleitor, para não gerar efeito contrário, de rejeição aos chatos virtuais.

Militância

O PT também planeja criar uma outra central de telemarketing. Mas em vez de mirar os eleitores de Dilma, a ideia é montar estrutura para resolver problemas da militância em relação ao uso da internet. O suporte via telefone ajudaria candidatos, assessores e militantes do PT a utilizarem todos os recursos de redes sociais, como o Facebook, o Twitter e o Orkut. Para Vargas, a internet modificou a características das eleições e para levar pessoas aos comícios antes de tudo é preciso encontrar os eleitores no universo virtual. De acordo com o secretário de Comunicação do partido, o preço da central é alto e não poderia ser pago totalmente com recursos da campanha presidencial. Ao contrário do que dizem, a tecnologia não barateou a eleição, encareceu. Antes, com R\$ 10 mil se fazia um comício e todo mundo participava. Agora, não, afirma.

Sabatinas na televisão

A candidata do PT, Dilma Rousseff, passou por um verdadeiro corredor polonês ontem no telejornal mais popular do país, o Jornal Nacional, da TV Globo. Sabatinada por 12 minutos e 23 segundos, ela não teve chance de transformar a entrevista em um monólogo de números positivos do governo Lula. Terminou nervosa e suando, ao ponto de sair da bancada com o rosto brilhando, mas não deixou pergunta sem resposta. Mais tarde, no Jornal das Dez, restrito aos assinantes do canal a cabo Globonews, a candidata, calma e mais solta, discorreu de maneira firme sobre seu programa de

governo, onde anunciou a abertura do capital da Infraero e se mostrou insatisfeita com o ritmo das obras nos aeroportos.

Dilma aproveitou as perguntas dos jornalistas da Globonews para fazer o contraponto entre o governo Lula e o de Fernando Henrique Cardoso. O Brasil já tem experiência suficiente para saber que sem marco regulatório privatiza e piora. Basta ver o exemplo de ferrovias e estradas, disse Dilma ao Jornal das Dez, quando defendeu critérios técnicos para preencher cargos públicos, ainda que sejam de indicação partidária.

A única pergunta da qual ela se desviou foi em relação ao Código Florestal em análise no Congresso, mas deixou transparecer que tem ressalvas ao texto, que dificulta o cumprimento das metas de redução de emissão de gases. Não concordo com qualquer procedimento que nos impeça de cumprir as metas, disse Dilma, mais calma que no Jornal Nacional.

Um dos momentos em que a candidata demonstrou tensão no JN foi quando os jornalistas perguntaram sobre o temperamento dela, se era verdade que ela maltratava colaboradores do governo, como disse o presidente Lula na posse dos novos ministros. Dilma insinuou que Lula não teria usado a palavra maltratar e foi interrompida. Ao fim, apelou para o espírito maternal: Governar é como se a gente fosse mãe: você tem que cobrar resultados.

Dilma saiu pela tangente quando perguntada sobre as alianças do PT com Jader Barbalho, Renan Calheiros, José Sarney e Fernando Collor. O PT acertou quando percebeu que para governar tinha que ter a capacidade de fazer uma ampla aliança, respondeu. Pela manhã, Dilma participou de gravações do programa eleitoral do partido no Complexo Esportivo da Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

12 de agosto de 2010

MARINA DE VIÉS NUCLEAR

Concessão de licenças para ações relativas à geração de energia atômica foi recorde na gestão da candidata do PV no ministério

Vinicius Sassine

A gestão da candidata do PV à Presidência, Marina Silva, no Ministério do Meio Ambiente (MMA) foi a que mais concedeu licenças ambientais para atividades relacionadas à geração de energia nuclear, entre janeiro de 2003 e maio de 2008. O Correio analisou todas as licenças concedidas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) — órgão subordinado ao MMA — durante os dois governos de Fernando Henrique Cardoso (entre 1995 e 2002) e as duas gestões do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (desde 2003). Durante os cinco anos e quatro meses da gestão de Marina, o Ibama liberou mais do que o dobro de licenças para empreendimentos nucleares, se comparadas aos oito anos de FHC, e cinco vezes mais do que as autorizações concedidas pelo ex-ministro Carlos Minc e pela atual titular da pasta, Izabella Teixeira, em dois anos e três meses.

As licenças para atividades ligadas de alguma forma à geração de energia nuclear são maioria durante a administração de Marina em termos absolutos e proporcionais. Na gestão dela, o Ibama concedeu 96 licenças para transporte de resíduos radioativos, para centros de pesquisa nuclear e para geração de energia nuclear. Esse quantitativo corresponde a 6,4% de todas as licenças ambientais do período. Os dois governos de FHC liberaram 43 autorizações — 6,1% do total — para o mesmo fim. Minc e Izabella, sucessores de Marina, concordaram com 18 licenças ambientais do Ibama — 1,7% do total — para transporte de resíduos, indústrias e geração de energia.

Grande parte das licenças concedidas pelo Ibama na gestão de Marina refere-se ao transporte de fontes radioativas, principalmente saindo e chegando das usinas nucleares de Angra 1 e 2, no Rio de Janeiro. Também foi autorizada a ampliação de depósitos de rejeitos radioativos.

Apesar de ter liberado empreendimentos de energia nuclear quando era ministra, Marina costuma se posicionar contrariamente à geração desse tipo de energia na campanha pela Presidência. Em entrevista em Salvador (BA), em 31 de maio, a candidata foi questionada sobre o “preconceito” em relação à energia nuclear. “Tenho uma posição contrária em relação a isso e não acho que seja preconceito”, respondeu. Marina ressaltou que não há “alternativas tecnológicas” para os resíduos nucleares. É essa uma das principais preocupações dos ambientalistas em relação à energia nuclear. “É uma energia cara e não segura. É melhor investir em energias que ainda são caras, mas seguras, como a eólica, a da biomassa, a solar”, disse a presidenciável.

Transgênicos

Também durante a gestão de Marina no MMA, o Ibama concedeu licenças para nove usinas termelétricas, as mais poluentes fontes de energia. A exploração de petróleo, outra fonte suja de energia, teve 237 licenças no período, quantidade maior do que as autorizações concedidas durante os governos de FHC e as gestões de Carlos Minc, que sucedeu Marina, e Izabella Teixeira, atual ministra do Meio Ambiente. O período de Marina à frente do MMA foi o único em que oito licenças foram concedidas para a exploração de organismos geneticamente modificados, os transgênicos. Entre as empresas beneficiadas estão a Basf, a Syngenta e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Marina pediu demissão do governo Lula em maio de 2008, depois de embates com a então ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, candidata do PT à Presidência. As duas divergiam sobre as concessões de licenças ambientais. Atrasos nas concessões foram apontados como obstáculos para o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), capitaneado por Dilma. O estopim foi a demora para as licenças das usinas de Santo Antônio e Jirau, no Rio Madeira, em Rondônia.

Na campanha pela Presidência, Marina sustenta que sua saída do governo não se deu em razão da polêmica das licenças, mas por divergências quanto à política de combate ao desmatamento da Amazônia. Em média, Marina concedeu 23 licenças por mês. Após deixar o MMA, o índice passou a ser de 38,2 — aumento de 66%.

Coerência

Na opinião de um dos coordenadores da campanha presidencial de Marina, Bazileu Margarido Neto, as licenças ambientais concedidas na área nuclear durante a gestão da senadora

não se referem só à geração de energia nuclear. “As licenças foram para indústrias que já estavam em funcionamento e, no caso das autorizações para transporte, não se tratava apenas de usinas nucleares”, diz o ex-presidente do Ibama.

A atual titular do ministério, Izabella Teixeira, considera que o ministro não tem “influência” na concessão de licenças. Mas, segundo ela, o aumento das autorizações pelo Ibama nas gestões seguintes à de Marina é o resultado de uma “dinâmica de modelo gerencial mais eficiente”.

Mensalão foi erro de “minoría”

Depois de visitar uma ONG que oferece atividades esportivas a crianças órfãs em São Paulo, a candidata do PV à Presidência, Marina Silva, voltou a falar sobre o mensalão, tema abordado na entrevista que ela concedeu à TV Globo na terça. Questionada se teria demorado a se manifestar contra o episódio, a candidata disse simplesmente que houve “erro” de poucos. “Ali foi uma minoria que errou, está sendo investigada e deve ser punida”, disse a senadora, que, na época do mensalão, era ministra do Meio Ambiente, ainda filiada ao PT. Os envolvidos no mensalão são réus em ação penal que tramita no STF.

ARREDONDAR NÃO É IGUAL A DISTORCER

Candidata petista reconheceu ter concedido entrevistas com base em estimativas, mas negou ter inflado números

Tiago Pariz

Diante do bombardeio de questionamentos sobre dados inflados apresentados pela campanha, a candidata do PT ao Palácio do Planalto, Dilma Rousseff, admitiu que tem usado estimativas e arredondamentos, mas negou distorção. O Correio mostrou que valores martelados pela petista em entrevistas e no debate presidencial da semana passada foram aumentados e houve até confusão entre o que é meta e realidade.

“Eu estou dando dados aproximados e estimativas”, disse a concorrente petista, em entrevista antes de participar de evento promovido pela Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários (ANTF). Um dos dados questionados é o percentual de investimento em Educação em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), que fechou 2008, o último dado disponível, em 4,7%. No debate, Dilma afirmou que estariam sendo aplicados entre 5% e 6%. Ontem, ela se corrigiu. “Eu disse que nós podemos chegar entre 5% a 6% nos próximos anos.”

A candidata petista afirmou ainda não ser possível precisar qual será o valor fechado no fim do ano e que os dados são conjecturas. “Não tem como dizer hoje quanto vai fechar o percentual de gasto da Educação em relação ao PIB até o fim do ano. Esse dado de 4,7% é o que estamos supondo hoje. O que vai acontecer até o final de 2010 é uma previsão. Pode ser que dê menos, pode; pode ser que dê 4,7%, claro, mas pode dar 5%. É uma suposição”, disse.

Papel

Ela também foi alvo de questionamentos sobre dados de investimento em saneamento básico. Em entrevista ao Jornal Nacional, da TV Globo, Dilma afirmou que foram aplicados R\$ 270 milhões na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. A Empresa de Obras Públicas do Rio informou que o valor foi de R\$ 80 milhões. “Sabe, eu fui muito elegante em relação à Rocinha. Sabe quanto é o investimento em saneamento no Rio de Janeiro?”, disse, irritada, e virou para um assessor pedindo um prospecto do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) para dar os números com exatidão: “Você poderia me dar o meu papel? Vamos olhar no meu papel. No município do Rio de Janeiro, o total é R\$ 1,7 bilhão do governo federal. Eu te dou exemplos: são R\$ 565.584.572,62 em saneamento integrado e urbanização em Manguinhos (favela fluminense). Na Rocinha, foram R\$ 276 milhões”, disse.

A elegância, segundo ela, foi direcionada aos seus adversários. “Eu não quis de jeito nenhum dar a impressão de que estava desmerecendo alguém. Não há a menor condição de comparar o que nós fizemos em saneamento sobre qualquer aspecto com o que foi feito no governo anterior”, afirmou.

Dilma também sustentou haver “total” relação entre a divulgação de dados do governo com sua campanha. E descartou irregularidade em antecipar informações com o calor da corrida eleitoral. “Tudo o que for positivo do governo é uma realização que tenho orgulho de ter participado. Qual seria a alternativa? Esconder que o país está bem, não deixar saber que criamos 14 milhões de empregos? A quem interessa ocultar que a economia cresce a taxa elevadas?”, propôs a candidata petista.

SERRA PEDE ESCOLTA DA POLÍCIA FEDERAL

Tucano é o terceiro presidenciável a requisitar o serviço. Na terça-feira, houve tumulto durante um ato de campanha

Edson Luiz

Somente ontem, o candidato do PSDB, José Serra, requisitou a segurança da Polícia Federal (PF), um direito garantido a todos os presidenciáveis. A situação estava preocupando o governo, principalmente depois do incidente envolvendo militantes tucanos e jornalistas ocorrido na terça-feira, em São Bernardo do Campo (SP). O pedido de escolta policial foi feito depois que o diretor-geral da PF, Luiz Fernando Corrêa, ligou para a coordenação de campanha do PSDB alertando que havia uma equipe de agentes à disposição em São Paulo.

O uso de segurança federal pelos candidatos à Presidência da República é determinado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que exige da PF um determinado número de policiais para acompanhar os políticos. Até ontem pela manhã, só três postulantes ao Palácio do Planalto — Dilma Rousseff (PT), Marina Silva (PV) e José Maria Eymael (PSDC) — haviam requerido um grupo de agentes federais.

A equipe de campanha de Serra somente fez o pedido depois de um telefonema de Corrêa a Fábio Feldman — um dos assessores dos tucanos — mostrando preocupação, já que ninguém do PSDB havia procurado a superintendência da PF em São Paulo, onde um grupo de agentes, comandados por um delegado, estava à disposição. No fim da tarde, a **Polícia Federal**⁽¹⁾ informou que Serra aceitou a escolta.

O candidato tucano também poderia rejeitar a segurança. Mas, para isso, teria que assinar um documento recusando a escolta, como fez a ex-senadora Heloisa Helena em 2006, quando era a candidata do PSol à Presidência da República. Além disso, o PSDB poderia pedir uma segurança eventual, como fez esta semana Ivan Pinheiro, que disputa o Palácio do Planalto pelo PCB. Em uma viagem a Sergipe, ele requisitou escolta da PF durante uma carreata em Aracaju, mas não anda permanentemente com segurança. Outros quatro candidatos de pequenos partidos também não haviam procurado a PF para requerer a força policial.

Tumulto

Na terça-feira, durante um evento em São Bernardo do Campo, por pouco Serra não foi envolvido em um tumulto provocado por seus seguranças, militantes e jornalistas. O candidato tucano tomava café em uma padaria no Largo da Matriz quando a confusão começou a poucos metros, no momento em que cinegrafistas e fotógrafos se acotovelaram para colher uma melhor imagem do tucano e foram retirados das mesas onde haviam subido por seguranças. Ninguém ficou ferido gravemente e a caminhada de Serra continuou por pelo menos mais 15 minutos.

1 – Orçamento

A Polícia Federal é obrigada a manter um orçamento próprio e um efetivo definido para dar segurança aos candidatos à Presidência da República em todos os seus deslocamentos. A resolução do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) tem forma de lei, embora a escolta possa ser recusada. O trabalho da PF fica por conta da Coordenação-Geral de Defesa Institucional, que é quem faz o acompanhamento das eleições brasileiras e cuida da segurança do pleito.

Saúde é o alvo nº 1

Procurando aparentar tranquilidade e sempre sorrindo, o presidenciável do PSDB, José Serra, colocou como principal alvo de suas críticas ao governo federal as falhas existentes no sistema de saúde durante a sabatina realizada pelos apresentadores do Jornal Nacional, na TV Globo, na noite de ontem. Serra não deixou de responder a nenhuma pergunta, mas teve dificuldades em explicar a razão pela qual seu partido aceitou o apoio do PTB, que teve envolvimento com o esquema do mensalão, em 2005. O tucano se esquivou, afirmando que a legenda não teria sido a maior culpada no episódio.

Além de criticar a situação da saúde no país, Serra fez referências às rodovias brasileiras, comparando-as às de São Paulo — que foram privatizadas — e explicou o por quê de não criticar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva: “Lula não está concorrendo comigo”.

O candidato tucano não teve nenhuma agenda pública ontem, pois se preparou para a sabatina em rede nacional. Hoje, Serra terá compromissos no Rio de Janeiro. (EL)

8.2.2 - FOLHA DE S. PAULO

10 de agosto de 2010

DILMA DEFENDE ALIANÇAS DE SEU PARTIDO COM SARNEY E COLLOR

A candidata Dilma Rousseff disse ter experiência suficiente para governar e defendeu, em entrevista ao "Jornal Nacional", da Rede Globo, as alianças do PT com políticos como os ex-presidentes José Sarney e Fernando Collor.

NO "JN", DILMA DEFENDE APOIOS DE SARNEY E COLLOR

Candidata abre ciclo de entrevistas e diz que governo exige "aliança ampla"
Petista cita Lula 7 vezes, se compara a "mãe" ao negar fama de ríspida e tropeça ao localizar Baixada Santista no Rio

DE SÃO PAULO

A candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, abriu ontem o ciclo de entrevistas ao vivo no "Jornal Nacional", da Rede Globo, defendendo o arco de alianças que a apoia. Ela disse que governar o país pressupõe a necessidade de se fazer uma "aliança ampla".

William Bonner listou aliados que, no passado, eram criticados pelo PT: Renan Calheiros (PMDB-AL), Jader Barbalho (PMDB-PA), José Sarney (PMDB-AP) e Fernando Collor (PTB-AL). "Quando foi que o PT errou? Antes ou agora?", questionou.

Dilma não respondeu diretamente, mas disse que o PT não tinha "tanta experiência" de governo. "O PT acertou quando percebeu a sua capacidade de construir uma aliança ampla", afirmou.

No bloco em que foi ao ar a entrevista, a audiência estava em 33 pontos na Grande São Paulo, o que equivale a 5,9 milhões de expectadores na Grande São Paulo, em números preliminares.

Dilma também foi questionada sobre a fama de ter "temperamento difícil" ou da suposta falta de "jogo de cintura" para negociar. Bonner citou que, em solenidade oficial, Lula disse que recebera de ministros queixas de que foram maltratados por Dilma. "Ele não disse maltratados", respondeu Dilma. "O vídeo está disponível", retrucou o âncora.

Ela usou a metáfora de "mãe" para justificar eventuais embates no governo. "Sabe dona de casa? No papel de cuidar do governo, é meio como se a gente fosse mãe. Há a hora de cobrar e o momento de incentivar."

Dilma citou Lula sete vezes durante a entrevista, numa mudança de estratégia em relação ao debate da Bandeirantes, quando evitou mencioná-lo a toda hora. Ela se apresentou como "o braço direito e o esquerdo" do presidente no governo e disse duas vezes que ocupava o "segundo cargo mais importante" do governo, ao se referir à Casa Civil.

As perguntas foram longas: Bonner e a Fátima Bernardes falaram por 3min50s dos 12mi35s da conversa.

Levemente nervosa, Dilma se confundiu ao dizer "Baixada Santista do Rio", em vez de Baixada Fluminense.

O "Jornal Nacional" entrevista hoje Marina Silva (PV) e amanhã, José Serra (PSDB).

No "Jornal da Dez", da Globonews, Dilma disse que não há problema em indicações políticas, mas em falta de transparência. "Não é necessário que o cargo não seja indicado por um partido que compõe a minha aliança", disse, ao ser questionada sobre a frase de seu vice, Michel Temer (PMDB), sobre partilhar o governo.

EXPOSTA ÀS CONTRADIÇÕES, PETISTA RECORRE À TERGIVERSAÇÃO

JOSIAS DE SOUZA

DE BRASÍLIA

Submetido a 12 minutos de contraditório, o discurso ensaiado de Dilma Rousseff se liquefez sobre a bancada do "Jornal Nacional".

A presidenciável foi inquirida sobre algumas das principais incongruências e debilidades que a cercam. Ao responder, tergiversou.

Beneficiária da popularidade de seu cabo eleitoral, foi questionada sobre o outro lado da moeda. Se eleita, não terá em Lula um "tutor"?

Poderia ter respondido com um simples "não". Preferiu desconversar. "As pessoas têm de escolher o que eu sou", rodeou. Queixou-se: Ora dizem que "sou uma mulher forte" ora que "tenho tutor". Em vez de se definir, açulou a dúvida. Disse ter "imenso orgulho" da relação com Lula, "um grande líder".

Foram ao ar os nomes que se escondem sob as siglas reunidas na megacoligação de Dilma: Jader Barbalho, Renan Calheiros, a família Sarney, Collor. Quando o PT errou, ontem ou hoje? Impossibilitada de se dissociar dos apoiadores que, no passado, o petismo tachava de "oligarcas" e "ladrões", deu ao fisiologismo um apelido novo: amadurecimento.

"O PT não tinha experiência de governo, agora tem", ela tentou justificar. Na versão edulcorada da candidata, o apoio seria desinteressado. O governo tem uma "diretriz", disse. Quem apoia sujeita-se. A lorota não resiste a uma passada de olhos pelo organograma do Estado, apinhado de apoiadores graciosos.

Dona de temperamento mercurial, Dilma foi instada a dizer como conciliará o pavio curto com o traquejo político que se exige de um presidente. Reconheceu-se como "pessoa firme". Em seguida, escorou a firmeza na muleta usual: "Nós, do governo Lula, somos do diálogo". A entrevista evidenciou que o treinamento a que a marquetagem submete Dilma vale só até certo ponto. O ponto de interrogação.

11 de agosto de 2010

MARINA DIZ QUE FICOU NO PT APÓS MENSALÃO PARA CONTRIBUIR

A candidata Marina Silva (PV) declarou em entrevista ao "Jornal Nacional", da Globo, que não foi conivente com o mensalão e que ficou no PT após a crise por achar que poderia contribuir com o governo. "Eu sempre condenei, mas não tinha ninguém para me dar audiência."

Marina nega conivência com mensalão

Ao "JN", senadora afirma que criticou o PT e decidiu ficar na sigla por achar que poderia contribuir com governo

Questionada sobre a falta de apoio à sua candidatura, Marina diz que vai servir de ponte entre petistas e tucanos

DE SÃO PAULO

Segunda presidenciável a passar pelo ciclo de entrevistas do "Jornal Nacional", da Globo, a senadora Marina Silva (PV) negou ontem conivência com o mensalão e disse que ficou no PT após a crise por achar que poderia contribuir dentro do governo.

"Eu sempre dizia que aquilo [o mensalão] era condenável e que deveriam ser punidos todos os que praticaram irregularidades", afirmou Marina. "Eu não tinha ninguém para me dar audiência e potencializar minha voz."

Em janeiro de 2006, no entanto, a Folha, ao entrevistar Marina, fez duas perguntas sobre eventual saída do PT. A senadora limitou-se a dizer que os "erros do PT têm que ser julgados pela sociedade e pela Justiça" e que os militantes do PT não poderiam "pagar pelo erro de alguns".

O tema do mensalão não foi abordado anteontem, com Dilma Rousseff (PT), mas dominou mais de um terço da entrevista com Marina. O apresentador William Bonner chegou a pedir 30 segundos de acréscimo para insistir na questão.

Tanto Bonner quanto Fátima Bernardes, porém, tiveram dificuldades para interromper a senadora. Aparentando mais calma que Dilma, a candidata verde dominou a entrevista ao não parar de falar durante suas respostas.

O casal de entrevistadores falou por 3min15s. Na entrevista com Dilma, Bonner e Fátima falaram por 3min50s.

Já na primeira pergunta, em que foi questionada sobre ambiente, mudou da temática ambiental para as outras áreas que pretendia citar, como educação e saúde.

Questionada sobre a falta de apoio de outros partidos, ela disse que ser positivo, pois seria mais fácil formar base para governar. Segundo ela, Fernando Henrique e Lula ficaram "reféns do fisiologismo" do PFL (atual DEM) e do PMDB, respectivamente.

A verde também insistiu em um tema que tem sido bastante citado: a alegada capacidade de servir de ponte "entre quem não conversa". "É preciso acabar com a oposição pela oposição e a situação pela situação", disse.

Temas ligados a costumes, em geral mais espinhosos para a candidata, ficaram de fora da entrevista, que teve audiência de 5,2 milhões de espectadores na Grande São Paulo (a de Dilma foi de 5,9 milhões). Amanhã José Serra (PSDB) será entrevistado.

EM TIMBRE INGÊNUO, CANDIDATA DO PV SE VENDE COMO PÓS-TUDO

JOSIAS DE SOUZA

DE BRASÍLIA

Tomada pela entrevista que concedeu ao "Jornal Nacional", Marina Silva considera-se uma presidenciável "sui generis". Vendeu-se como uma espécie de pós-tudo.

Espremida pela polarização PT x PSDB, a candidata do PV demarcou a fresta pela qual pretende fazer passar suas pretensões.

Disse que, após FHC -o sociólogo que debelou a inflação- e de Lula -o operário que melhorou o social-, o país está pronto para recepcioná-la na Presidência.

Como fará para governar se não obteve apoios nem para a campanha? "Para mim é até mais fácil", disse ela, com ingenuidade amazônica.

Considera-se mais livre que José Serra, atado ao fisiologismo do DEM, e que Dilma Rousseff, acorrentada às perversões do PMDB. Repisou a tese de que governará "com os melhores" do PSDB e do PT. Restou explicar como levará à concórdia de grupos 100% feitos de desavença.

Como não lhe foi indagado, absteve-se falar sobre o PV, que coleciona alianças tóxicas em cidades e Estados.

A certa altura, iluminou-se uma passagem constrangedora de sua biografia. Por que não deixou o PT na época do mensalão?

Algo desconcertada, disse que não foi conivente nem silenciou. Condenou os malfeitos, mas "não tinha ninguém para me dar audiência e potencializar minha voz".

Insistiu-se: Por que não se demitiu nessa ocasião do Ministério do Meio Ambiente?

Ela tentou desviar-se do tema. Pôs-se a discorrer sobre a falsa dicotomia entre desenvolvimento e preservação ambiental. Chamada de volta à encrenca mensaleira, serviu-se do lugar comum.

"Eu permaneci e fiquei indignada." Muito pouco para quem se apresenta como exemplo de pureza moral.

No mais, apresentou-se como uma Lula de saias. A mesma infância pobre, mas com a vantagem de ter completado os estudos. O diabo é que a política requer um tipo de ensinamento que não se aprende na escola.

12 de agosto de 2010

8.2.3.1 - DEPUTADO QUER CARGO PARA CORRUPÇÃO, DIZ SERRA NO

"JN"

**Cobrado por apoio do PTB de Jefferson, tucano promete não lotear governo
Candidato evita criticar Lula, mas diz que não se pode governar o país na "garupa",
sobre o elo de Dilma com o presidente**

DE SÃO PAULO

Surpreendido por uma pergunta sobre alianças com envolvidos no escândalo do mensalão, o candidato do PSDB à Presidência, José Serra, afirmou ontem, em entrevista ao "Jornal Nacional", da TV Globo, que deputados que buscam cargos no governo têm o objetivo de promover a corrupção.

"Para mim não tem grupinho de deputado indicando diretor financeiro de uma empresa, ou diretor de compras de outra. Pra quê um deputado quer isso? Evidente que não é para ajudar em melhor desempenho. É para corrupção", disse.

O tucano foi o terceiro e último candidato ao Palácio do Planalto a ser sabatinado na bancada do "JN" pelo casal de apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes.

A exemplo das entrevistas com Dilma Rousseff (PT) e Marina Silva (PV), Serra foi instado a responder perguntas sobre temas incômodos, como a aliança com Roberto Jefferson, cassado por conta do mensalão, e os preços dos pedágios em São Paulo.

No entanto, assuntos como o mensalão do DEM, principal aliado de sua coligação, não foram abordados.

Sobre a aliança com Jefferson, Serra disse que os "principais personagens" envolvidos no mensalão não são do PTB (três dos réus do mensalão são do partido) e que o aliado não é candidato.

No início da entrevista, o tucano teve que explicar por que não ataca o governo Lula. Serra se classificou como candidato do "futuro", e, evitando críticas ao presidente, repetiu que o petista não está disputando as eleições.

Em duas vezes, disse que um presidente não pode governar "na garupa" ou ser "monitorado", numa alusão à dependência de Dilma em relação a Lula.

"O próximo presidente vai governar e não pode ir na garupa. Tem que ter ideias também, não só coisas que fez no passado, mas também ideias a respeito do futuro", disse.

Em outro tema incômodo, ao ser questionado sobre o tumultuado processo que levou à escolha de Indio da Costa (DEM-RJ) como seu vice, Serra negou a fama de ser centralizador.

"O que havia sido pensado inicialmente, por circunstâncias políticas acabou não acontecendo", disse Serra.

O tucano disse que o nome de Indio da Costa já estava sendo cogitado dentro do partido, mas que isso não chegou à "opinião pública", para não causar "fofoca". O nome de Indio, na verdade, surgiu na data limite da convenção do DEM que definiria o apoio do partido a Serra. Mais tarde, em entrevista à "Globonews", Serra afirmou que, se for eleito, Indio "vai ficar viajando pelo Brasil verificando como funcionam os serviços governamentais".

Governador de São Paulo até março, Serra também teve que falar sobre os elevados preços dos pedágios nas estradas paulistas e se esse modelo seria expandido para o Brasil. O tucano não respondeu objetivamente. Acabou elogiando a qualidade das rodovias paulistas e criticando as federais.

No fim, se mostrou surpreendido pelo curto tempo da entrevista e não conseguiu se despedir do público. Foi interrompido por Bonner por ter ultrapassado o tempo.

VERDE DESCONVERSA SOBRE DECLARAÇÕES AO "JN"

BRENO COSTA
DE SÃO PAULO

A candidata do PV à Presidência, Marina Silva, voltou a desconversar ontem sobre sua postura em relação ao escândalo do mensalão, revelado em 2005, quando ainda estava no PT e era ministra do Meio Ambiente.

Anteontem, em entrevista ao "Jornal Nacional", disse que "não tinha ninguém para me dar audiência e potencializar minha voz" quando, segundo ela, dizia que o mensalão era "grave" e que precisava de "punição".

Ontem, questionada sobre em quais "circunstâncias" essas críticas mais duras foram feitas, Marina não respondeu objetivamente. Disse apenas que "ali [no mensalão] foi uma minoria que errou, que está sendo investigada e deve ser punida".

Em entrevista à **Folha**

em janeiro de 2006, sete meses após a revelação do escândalo, chamou o mensalão de "erro de alguns", que "têm que ser julgados pela sociedade e pela Justiça".

Questionada, depois, se sentia-se "forçada [pela imprensa] a falar mal do presidente Lula e do PT", afirmou ser "instada a ser coerente com a minha ética, [no sentido] de não falar qualquer coisa só porque é candidato e porque vê nisso uma chance de fazer um factóide".

8.2.3 – O GLOBO **10 de agosto de 2010**

APÓS 7 ANOS, DILMA DIZ QUE PAÍS CRESCE POUCO POR CULPA DE FH

Candidata do PT à Presidência cita Lula oito vezes em doze minutos

Após sete anos e meio de governo Lula, a candidata do PT, Dilma Rousseff, culpou o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) pelo baixo crescimento econômico do país. Em 12 minutos de entrevista ao "Jornal Nacional", confrontada com o crescimento de outros países, como Bolívia e China, disse que a situação foi mais difícil no Brasil, por causa da crise da dívida e do governo do antecessor. Ela citou oito vezes o presidente Lula. Apesar de suar muito, demonstrando seu nervosismo, e de cometer algumas gafes, como localizar a Baixada Santista no Rio de Janeiro, Dilma teve bom desempenho em sua primeira grande entrevista na campanha eleitoral.

DILMA CULPA FH POR ATRASO

No "JN", petista responsabiliza antecessor por crescimento inferior ao de outros países

Fábio Brisolla e Paulo Marqueiro

Em entrevista ontem ao Jornal Nacional, da Rede Globo, a candidata do PT à Presidência da República, Dilma Rousseff, acusou o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, antecessor de Luiz Inácio Lula da Silva, pelo baixo crescimento do país quando confrontado com algumas nações da América Latina e com as que integram o chamado Brics (Rússia, Índia e China, além do Brasil): Eu acredito que tivemos um processo muito mais duro no Brasil, com a crise da dívida e com o governo que nos antecedeu afirmou Dilma.

Uruguai e Bolívia são países que, sem nenhum menosprezo, são do tamanho de alguns estados menores que o Brasil. O Brasil é um país de 190 milhões de habitantes. Tivemos um processo muito duro, quando chegamos ao governo, a inflação estava fora de controle, tínhamos uma dívida com o FMI. Tivemos de fazer um esforço muito grande para colocar as finanças no lugar e depois, com estabilidade, crescer. Estamos entre os países que mais crescem no mundo. Sem fazer comparações, criamos quase 1,7 milhão de empregos disse Dilma, que suava muito durante a entrevista, mas, diferentemente do que ocorreu com o debate na Rede Bandeirantes, respondeu as perguntas com fluência, mostrando que estava bem treinada.

Mesmo assim, Dilma cometeu uma gafe ao responder a uma pergunta sobre saneamento, quando se referiu à Baixada Santista como sendo Rio. Em seguida, emendou: a Baixada Fluminense, no Rio.

Quando foi confrontada com os indicadores ainda modestos sobre o saneamento no país, Dilma argumentou que muitas obras estão em andamento e que os resultados ainda vão aparecer na pesquisa de 2010: O Brasil investia menos de R\$ 300 milhões no país inteiro. Hoje, aqui no Rio, numa favela, a Rocinha, nós investimos mais de R\$ 270 milhões.

EX-MINISTRA DEFENDE ALIANÇAS DO PT

Ao responder a uma pergunta de William Bonner sobre se o partido tinha errado antes ou agora, em relação à aliança com políticos que o PT sempre criticou, como Jader Barbalho, Renan Calheiros e Fernando Collor de Mello, ela disse que o PT não tinha errado: O PT acertou quando percebeu que governar um país com a complexidade do Brasil implica necessariamente em construir uma aliança ampla.

O PT NÃO TINHA EXPERIÊNCIA DE GOVERNO E AGORA TEM. NÓS NÃO ERRAMOS.

Não é que aderimos ao pensamento de quem quer seja. O governo Lula tinha diretriz: focar na questão social. Primeiro, um país que era considerado dos mais desiguais, diminuir em 24 milhões (de pessoas) a pobreza; um país em que pessoas não subiam na vida, elevar para classe média 31 milhões de brasileiros.

Para fazer isso, quem nos apoia, aceitando nossos princípios, nossas diretrizes, a gente aceita.

Ao ser confrontada pelos apresentadores, William Bonner e Fátima Bernardes, com a falta de experiência política, Dilma argumentou que tinha experiência administrativa: Eu considero que tenho

experiência administrativa suficiente. Fui secretária municipal da Fazenda, depois fui sucessivamente secretária de Energia do Rio Grande do Sul, assumi o Ministério das Minas e Energia, também fui coordenadora do governo ao assumir a chefia da Casa Civil.

Eu me considero preparada para governar o país, tenho experiência, conheço o Brasil de ponta a ponta.

Diferentemente do que ocorreu no debate da TV Bandeirantes, quando demorou a citar o presidente Lula, Dilma desta vez fez oito referências ao presidente.

ALGUNS DIZEM QUE TENHO TUTOR.

Quero dizer que participei diretamente, com o presidente Lula, fui o braço direito dele, deste processo de transformar o Brasil num país diferente, que cresce, distribui renda, em que as pessoas têm pela primeira vez, depois de muitos anos, possibilidade de subir na vida, não vejo problema na minha relação com o presidente Lula.

CONSIDERO MUITO POSITIVO.

Ao responder a uma pergunta de Fátima Bernardes sobre o seu temperamento forte, criticado até por alguns aliados, Dilma fez um paralelo com a imagem de uma mãe: Dona de casa, no papel de cuidar do governo, é meio como se fosse mãe, tem uma hora que você tem de cobrar resultado, é preciso que o Brasil se esforce para que as coisas aconteçam, para que estradas sejam pavimentadas, para que ocorra saneamento; tem uma hora que é que nem na sua casa, a gente cobra; tem outra hora que você tem de incentivar.

Sobra a opinião de alguns críticos, que a acusam de não ter diálogo, Dilma disse que ninguém vai ver o governo Lula tratando os movimentos sociais de cassetete: Eu não vacilo. Eu me considero preparada para o diálogo em relação aos movimentos sociais.

DILMA TAMBÉM FOI ENTREVISTADA PELO JORNAL DAS DEZ, NA GLOBONEWS.

Admitiu atrasos em obras de infra-estrutura e, questionada sobre a política externa do governo Lula, defendeu a ação do Itamaraty, mas disse que não vai compactuar com qualquer ferimento aos direitos humanos.

Não pode ser levado a sério um país que considere diferenças de opinião um crime.

A entrevistada de hoje no Jornal Nacional é a candidata do PV, Marina Silva. Amanhã será a vez de José Serra (PSDB).

11 de agosto de 2010

MARINA ACHA MAIS FÁCIL GANHAR SEM ALIANÇAS

A candidata do PV, Marina Silva, disse que acha "mais fácil não ter alianças agora, pois seus adversários já estão comprometidos com os acordos que fizeram. Em entrevista ao "Jornal Nacional", Marina, que demonstrou tranquilidade, afirmou que os outros candidatos, devido às suas alianças, só podem repetir "mais do mesmo" e ficar reféns do fisiologismo. Prometeu governar com os melhores e defendeu diálogo com PT e PSDB.

MARINA: SEM ALIANÇAS É MAIS FÁCIL

Em entrevista ao "JN", a candidata do PV diz que Dilma e Serra repetirão governos que foram reféns do fisiologismo

Fábio Brisolla e Paulo Marqueiro

A candidata do PV à Presidência da República, Marina Silva, disse ontem, durante entrevista ao Jornal Nacional, da Rede Globo, que é mais fácil fazer campanha sem alianças. E disse que seus adversários Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB) já estão comprometidos com aliados fisiológicos, como PMDB e DEM. Quando o apresentador William Bonner perguntou se, caso eleita, ela não teria dificuldades para conseguir apoios, respondeu: Eu acho que é até mais fácil, porque eu fico olhando para a ministra Dilma (Rousseff) e para o governador (José) Serra, e eles já estão tão comprometidos com as alianças que fizeram. Eles só podem repetir mais do mesmo, como foi o governo do presidente Fernando Henrique, que ficou refém do fisiologismo dos democratas, e o do presidente Lula, que, mesmo com toda popularidade, acabou ficando refém do fisiologismo do PMDB.

Apesar de criticar as alianças de PT e PSDB, Marina, contraditoriamente, afirmou que, se eleita, pretende governar com os dois partidos.

Estou dizendo que, se ganhar, quero governar com os melhores. E já estou dizendo que é fundamental o diálogo entre PT e PSDB. Quero governar com a ajuda deles. Vou compor a base de sustentação, respaldada pela sociedade, com essa ideia: que nós temos de acabar com a situação pela situação e a oposição pela oposição.

E trabalhando a favor do Brasil. Quem pode estabelecer um ponto de união, entre forças que não conversam, e que nos oito anos se confrontaram, se chama Marina Silva.

Pergunta sobre escândalo do mensalão causa desconforto Um dos momentos mais tensos da entrevista foi quando William Bonner perguntou à ex-ministra do Meio Ambiente de Lula se ela não sentiu desconforto com o escândalo do mensalão, quando ainda integrava o governo.

Sabia que estava combatendo por dentro e conseguiria sair vitoriosa afirmou Marina, insistindo que condenou as irregularidades, mas continuou no governo para lutar pelas ideias que defendia.

A verde disse que deixou o governo por discordar dos rumos da política ambiental: Existe a ideia dentro do governo, na sociedade, de que meio ambiente e desenvolvimento são incompatíveis. Conheço empresas que já estão fazendo da defesa do meio ambiente uma grande oportunidade para gerar empregos, para gerar melhoria de vida para as pessoas.

Quando Bonner insistiu sobre sua opinião em relação aos colegas de partido que deixaram a legenda depois das denúncias do mensalão, Marina disse que também ficou indignada: Eu permaneci no partido e fiquei igualmente indignada, fiz combate a minha vida inteira contra a corrupção. Acho que é o pior câncer da sociedade, ninguém pode se vangloriar de ser honesto; ser honesto é uma condição do indivíduo. A pessoa tem de ser honesta como político, como professor, dona de casa, empregada doméstica.

Candidata diz que aumentou número de licenciamentos Ao responder à pergunta sobre se durante sua gestão os licenciamentos ambientais não teriam sido mais demorados, atrasando obras de infraestrutura, Marina criticou veladamente o governo de Fernando Henrique Cardoso, antecessor de Lula.

O Ministério (do Meio Ambiente) estava desfigurado.

Tive que fazer concursos.

Quando começamos a arrumar a casa, aumentaram as licenças, de 145 por ano para 265. É possível aperfeiçoar, sem perda de qualidade, a infraestrutura do Brasil, que está colapsando.

Numa resposta a Fátima Bernardes, Marina contestou a dúvida de que, se eleita, não teria quadros partidários suficientes para governar.

O PV tem alguns quadros.

Quem disse que para governar tem que ser com os quadros do seu partido? O presidente Lula teve que governar inclusive com quadros do PSDB. Eu, quando estava no Ministério do Meio Ambiente, peguei as melhores pessoas que estavam na academia, que estavam na gestão pública, as pessoas mais competentes.

Toda vez que precisei aprovar leis no Congresso, lei de gestão de florestas públicas, fundamental para o desenvolvimento sustentável, consegui aprovar os meus projetos com o apoio de todos os partidos, conversando com todos os partidos, isso é o que o Brasil precisa.

O entrevistado de hoje no JN é o candidato do PSDB, José Serra. Amanhã, Plínio de Arruda Sampaio (PSOL) será entrevistado por três minutos.

... E DE VERBA DE SANEAMENTO

Foi de R\$ 80 milhões o investimento do PAC em saneamento na Rocinha - e não R\$ 270 milhões, como afirmou Dilma no "JN". Para economistas como Armínio Fraga, ela também errou ao culpar o governo FH pelo baixo crescimento.

Dilma infla dados sobre saneamento

Em entrevista ao "JN", petista disse que governo investiu R\$ 270 milhões na Rocinha, mas valor real não chega a 30% disso

Fábio Vasconcellos

Diferentemente do que afirmou a candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, o governo federal não investiu R\$ 270 milhões em saneamento na favela da Rocinha. Segundo dados da Empresa de Obras Públicas do estado (Emop), órgão responsável pela execução das obras do PAC no Rio, a comunidade será beneficiada com R\$ 80 milhões em projetos de saneamento, ou cerca de 30% do que valor citado pela ex-ministra em entrevista anteontem ao Jornal Nacional, da Rede Globo.

Se forem considerados apenas os recursos repassados pela União, a verba federal para o saneamento na favela é ainda menor. Do total previsto nos convênios para as obras do PAC na Rocinha, cerca de 56% dos recursos são de responsabilidade do governo federal, e 44% do estado. Na entrevista ao JN, Dilma foi confrontada com indicadores modestos com relação a saneamento no país. Em sua resposta, a candidata do PT disse que os investimentos apenas na Rocinha se equiparavam a tudo o que tinha sido aplicado por governos passados.

O Brasil investia menos de R\$ 300 milhões no país inteiro.

Hoje, aqui no Rio, numa favela, a Rocinha, nós investimos mais de R\$ 270 milhões afirmou Dilma, citando dados errados.

O valor citado pela ex-ministra corresponde, na verdade, ao pacote total das obras do PAC na Rocinha, que prevê ainda projetos de urbanização, construção de uma passarela, centro esportivo onde Dilma foi anteontem gravar imagens para o seu programa eleitoral e uma unidade de atendimento médico.

Segundo a Emop, 81% das obras já foram entregues.

Lula também já inflou investimento no setor O vice-presidente da Associação de Moradores da Rocinha, Raimundo Lima, disse ontem que a Rua 2 é um dos trechos com maior problema de saneamento na comunidade: Estamos acompanhando as obras com expectativa. Muitas ruas tinham sérios problemas de saneamento que, aos poucos, estão sendo resolvidos. Houve ainda intervenções nas ruas Ápia, Dianéia e Estrada da Gávea.

As intervenções na Rocinha na área de saneamento acontecem também na Rua 4, no entorno do complexo esportivo da favela e para atender o Complexo de Atendimento à Saúde (Cias/UPA).

O argumento usado pela candidata do PT para enaltecer os investimentos do governo federal foi semelhante ao apresentado pelo presidente Luiz Inácio Lula, quando esteve no Rio em fevereiro para inaugurar um gasoduto na Refinaria de Duque de Caxias. Na ocasião, o presidente afirmou que nos últimos 30 anos, se pegar tudo o que foi investido em saneamento básico para a população, não deu nem a metade do que nós investimos.

Apesar de ter inflado os números do investimento do governo federal em saneamento na Rocinha, Dilma Rousseff esqueceu de projetos do PAC que estão sendo realizados nos Complexo do Alemão e de Manguinhos, e que preveem melhorias no esgotamento e abastecimento de água. Em Manguinhos, as obras somam R\$ 661 milhões, dos quais R\$ 297,8 milhões são recursos do Orçamento da União e R\$ 363,96 de contrapartida do estado e da prefeitura do Rio.

12 de agosto de 2010

MARINA MUDA O TOM E ISENTA ATUAL ALIADO

Após dizer que encontrou ministério "desfigurado", ela elogia seu antecessor no cargo, Sarney Filho, hoje também no PV

Sérgio Roxo

SÃO PAULO. Um dia após afirmar que encontrou o Ministério do Meio Ambiente "desfigurado", ao assumir a pasta em 2003, a candidata do PV à Presidência, Marina Silva, elogiou o deputado federal José Sarney Filho (MA-PV), atual colega de partido, que foi o titular da pasta no governo Fernando Henrique Cardoso. Na noite de terça-feira, em entrevista ao "Jornal Nacional", ela foi perguntada se os licenciamentos ambientais de obras de infraestrutura em sua gestão foram demorados.

- O ministério estava desfigurado. Foi necessário fazer concursos - respondeu no "JN".

Ontem, em visita a uma ONG na Zona Norte de São Paulo, mudou de tom:

- Quando entrei no ministério, sentei com a minha equipe e disse: "Vamos manter todas as coisas boas que encontramos". E posso citar várias coisas boas, inclusive pessoas da equipe anterior permaneceram.

Citou como exemplo positivo, encontrado quando assumiu o ministério, o Programa Arpa, de preservação de áreas na Amazônia, que diz ter ampliado.

Marina também mencionou os problemas na pasta, mas isentou Sarney Filho. Disse que a culpa pela falta de pessoal no ministério não era dele:

- Não era ele que aprovava se iria ter concurso público. Isso é o Ministério do Planejamento.

Sarney Filho foi ministro do Meio Ambiente durante quase todo o segundo governo de Fernando Henrique Cardoso. Deixou o cargo em março de 2002 e foi substituído por João Carlos Carvalho. Em 2003, trocou o PFL (atual DEM) pelo PV.

À tarde, a candidata participou de um almoço na Câmara Americana de Comércio. Criticou a qualidade dos serviços públicos e atacou o fisiologismo na gestão pública:

- Temos um Estado que está sugando cada vez mais, amplo nos seus tentáculos para gastar no serviço público e mínimo nos serviços que oferece. É necessário que a gestão pública seja profissionalizada e com os cargos de livre provimento do tamanho adequado. E não usar esse mecanismo para fazer qualquer tipo de composição política.

SERRA POUPA LULA, MAS ATACA SAÚDE, ESTRADAS...

O candidato do PSDB à Presidência, José Serra, poupou o presidente Lula em entrevista ao "Jornal Nacional" e concentrou seus ataques em setores de gestão petista, principalmente a saúde e as rodovias federais. Serra disse que, de cada dez estradas, sete estão esburacadas e que o governo Lula investiu no setor um terço dos recursos arrecadados para melhorar rodovias. O tucano afirmou que faltam hospitais e que o número de cirurgias eletivas caiu. Questionado sobre o apoio que recebeu de partidos como o PTB, envolvido no mensalão, disse que não tem compromissos com erros nem nomeações fisiológicas. Serra demonstrou tranquilidade e – sempre poupando Lula, mas numa alfinetada a Dilma Rousseff – disse que o próximo presidente terá de agir sozinho. "O próximo presidente não pode ir na garupa, tem de ter ideias."

"NÃO SE GOVERNA NA GARUPA"

Serra poupa Lula, mas critica resultados de seu governo e também Dilma

Fábio Vasconcellos e Paulo Marqueiro

Em entrevista ontem ao "Jornal Nacional", da Rede Globo, o candidato do PSDB à Presidência, José Serra, poupou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que tem altos índices de popularidade, mas fez duras críticas à atual gestão, atacando principalmente a qualidade da saúde pública e as condições das estradas.

Ao responder a William Bonner sobre o modelo de concessão de rodovias adotado em São Paulo, criticado pela tarifa e pela quantidade de praças de pedágio, Serra disse que existe um meio termo e que o modelo da rodovia Ayrton Senna, por exemplo, poderia ser estendido para todo o país. Disse ainda que as concessões do governo federal não estão funcionando. Segundo ele, a Régis Bittencourt continua sendo a "rodovia da morte" e que a Fernão Dias está fechada.

- De cada dez estradas federais, sete estão esburacadas. São as rodovias da morte: na Bahia, em Minas, Santa Catarina, enfim, por toda parte. O governo federal fez um tipo de concessão que não está funcionando - afirmou Serra. - Nunca o Brasil esteve com estradas tão ruins. De 2003 para cá foram arrecadados 65 bilhões reais na Cide (taxação sobre combustíveis). Sabe quanto foi gastado disso pelo governo federal? 25 (bilhões). Ou seja, foram 40 bilhões de reais arrecadados para investir em estradas do governo federal que não foram utilizados. A primeira coisa que vou fazer é utilizar esses recursos para melhorar as estradas. Não é o assunto de concessão que está na ordem do dia. É entender por que a cada três reais que o governo federal arrecadou, ele gastou um terço disso. É uma barbaridade. Por isso as estradas federais estão nessa situação.

As críticas à gestão da saúde no governo Lula também foram um tema recorrente durante a entrevista de Serra:

- A saúde nos últimos anos não andou bem. Diminuí o número de cirurgias eletivas, pararam os mutirões, muita prevenção ficou para trás, faltam hospitais, tem problemas de consultas, problemas de demora, problemas relacionados à saúde da mulher.

Questionado sobre o fato de poupar críticas ao presidente Lula, Serra disse que é preciso olhar para o futuro:

- Lula fez coisas positivas, e outras deixou de fazer. A discussão não é Lula. É o que vem pela frente. Lula não é candidato. Quem estiver lá terá de ter condições de conduzir o Brasil. Não se pode governar na garupa, estou focando no futuro. O Brasil precisa e pode mais, na área de saúde, segurança, educação. O foco não é Lula.

Respondendo a Fátima Bernardes por que tem tentado evitar comparações entre os governos Fernando Henrique Cardoso e Lula, Serra argumentou que o atual governo seguiu muitos programas de seu antecessor:

- O governo anterior fez muitas coisas, entre eles o Plano Real, a quebra da espinha da inflação, e várias outras coisas que o governo Lula seguiu. (Antonio) Palocci nunca parou de elogiar Fernando Henrique Cardoso.

Serra diz que se sente bem com seu vice

Sobre a aliança do PSDB com o PTB de Roberto Jefferson, argumentou:

- O Roberto Jefferson é presidente do PTB. Ele não é candidato. Ele conhece muito bem meu programa de governo. Meu estilo de governar. O PTB está conosco dentro dessa perspectiva. Eu não tenho compromisso com o erro. Aliás, nunca tive na minha vida. - disse Serra. - Agora que está comigo, sabe o jeito que eu trabalho. Por exemplo, eu não faço aquele loteamento de cargos. Para

mim, não tem um grupinho de deputados indicando diretor financeiro de uma empresa, ou indicando diretor de compras de outra.

Sobre a demora na escolha de seu vice (o deputado Índio da Costa, do DEM), Serra negou que ela tenha sido resultado de um estilo centralizador, como dizem alguns críticos.

- Eu não sou centralizador, sei que tenho fama, mas delego muito. O Índio estava entre os nomes cogitados. Foi um dos líderes da aprovação da Ficha Limpa no Congresso. Tem livros sobre administração. Se for pegar outros vices, cada um tem suas limitações. É um vice adequado, eu me sinto muito bem com ele. Tenho boa saúde, ninguém está sendo vice comigo achando que não vou concluir o mandato.

DILMA CORRIGE SEUS PRÓPRIOS NÚMEROS SOBRE A ROCINHA

E defende que governo Lula aumentou investimentos em saneamento

Gerson Camarotti, Gustavo Paul e André de Souza

BRASÍLIA. Dois dias depois de ter afirmado, em entrevista no "Jornal Nacional", que o governo federal investiu R\$270 milhões em saneamento na Rocinha, no Rio, a candidata petista, Dilma Rousseff, confrontada com os números reais, teve de recuar. Ontem ela mudou a versão inicial e explicou que se referia, na verdade, a gastos com a urbanização da comunidade. Reportagem do GLOBO de ontem mostrou que, pelos dados oficiais, o investimento em saneamento no PAC da Rocinha foi de R\$80 milhões no máximo, e não os R\$270 milhões citados por Dilma.

- Na Rocinha, estamos investindo R\$276 milhões em saneamento integrado e urbanização. Isso significa dar condições não só em termos de estruturação. É dar condições de vida para a população. Quando que investiram no complexo do Alemão? Quando que investiram na Rocinha? Nunca - reagiu Dilma.

A candidata petista fez questão de consultar um livreto da Casa Civil com números do PAC para apresentar outros números, como o investimento global no Estado do Rio, que teria totalizado R\$4,3 bilhões em saneamento.

- Eu fui muito elegante em relação à Rocinha. Deixa eu ser elegantíssima!

As afirmações de Dilma foram dadas pouco antes de participar do seminário "IV Brasil nos trilhos", promovido pela Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários (ANTF), num hotel de Brasília. Foi mais um exemplo de agenda casada de Dilma com o governo, e desta vez não só com o presidente Lula. De manhã, a chefe da Casa Civil, Erenice Guerra, abriu o seminário.

Já Dilma aproveitou a sua palestra para defender o trem-bala que ligará Rio a São Paulo e Campinas e rebater o candidato tucano, José Serra, que disse que o melhor seria investir em metrô:

- Nós não vamos colocar jamais a alternativa entre trem de alta velocidade e metrô. Eles não são substitutos um do outro. É uma situação urbana diferente.

Demonstrando estar bem humorada em entrevista, Dilma defendeu a divulgação de números positivos da economia brasileira durante o período eleitoral. No dia anterior, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, convocou a imprensa para apresentar números da economia e balanços comparativos com a gestão tucana. O balanço foi manchete do site de campanha de Dilma:

- Tem alguma coisa errada em divulgar os dados se eles são bons para o país? Tudo que for positivo do governo é realização que eu tenho orgulho de ter participado. Qual seria alternativa? Esconder que o país está bem?

8.2.4 – VALOR ECONÔMICO

10 de agosto de 2010

NO "JN", DILMA REBATE FAMA DE "DIFÍCIL"

Cristian Klein, de São Paulo

Primeira presidenciável entrevistada pelo "Jornal Nacional", da TV Globo, a candidata do PT, Dilma Rousseff, enfrentou ontem à noite uma sabatina ao vivo de 12 minutos, na qual foi interpelada pelos apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes.

Com perguntas incisivas, a entrevista teve momentos de bate-boca, quando Dilma foi instada por Fátima Bernardes a comentar sobre sua fama de ter um temperamento difícil, o que poderia revelar falta de habilidade política e prejudicar a formação de alianças.

"Ô Fátima, estava respondendo justamente isso. Sou uma pessoa firme. Não vacilo quando se trata dos problemas do povo brasileiro. Mas nós, do governo [Luiz Inácio] Lula [da Silva], somos um governo do diálogo. Em relação aos movimentos sociais, você nunca vai ver tratando qualquer um com cassetete", disse.

A pergunta seguinte persistiu no assunto. Fátima Bernardes afirmou que o presidente Lula teria mencionado, numa cerimônia de posse, que ministros de seu governo lhe traziam queixas de que a ex-ministra-chefe da Casa Civil os maltratava.

"Sabe dona de casa? No papel de cuidar do governo, é meio como se fosse mãe. É preciso cobrar resultado, para que o Brasil se esforce, que as estradas sejam pavimentadas, que as coisas aconteçam... Tem uma hora que tem que cobrar, em outra tem que incentivar".

Insatisfeitos com a resposta, os apresentadores enfatizaram que a frase havia sido dita pelo próprio presidente, fiador da candidatura da petista. Dilma negou - "Ele não falou em maltratar" -; os apresentadores insistiram e se iniciou um bate-boca.

Ao encerrar a discussão, Bonner continuou a sabatina, questionando as alianças atuais do PT com políticos que costumava criticar. O apresentador citou "figuras" como o deputado Jader Barbalho, o senador Renan Calheiros e os ex-presidentes da República José Sarney e Fernando Collor, os quais o partido considerava oligarcas. Quis saber quando o PT errou, antes ou agora?

Dilma rebateu, invertendo a pergunta - "Onde foi que o PT acertou?" - e afirmou que governar um país com a complexidade do Brasil requer amplas alianças. A candidata admitiu que o partido não tinha tanta experiência antes de chegar ao governo, que aprendeu muito e mudou. Mas que não errou, pois não aderiu ao pensamento "de quem quer que seja". Dilma afirmou que outros grupos políticos é que aceitaram "nossos princípios", como o foco na área social, que, segundo ela, reduziu a pobreza e levou 34 milhões à classe média.

Para se preparar para a entrevista na TV Globo, Dilma cancelou sua participação na sabatina com presidenciáveis realizada ontem pela Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil, em São Paulo. Pela manhã, a candidata gravou programa na favela da Rocinha, no Rio.

Hoje o "JN" entrevistará a candidata Marina Silva (PV). Amanhã, será a vez de José Serra (PSDB).

11 de agosto de 2010

MARINA DIZ SER A SÍNTESE DOS GOVERNOS DO PSDB E DO PT

Raymundo Costa, de Brasília

Segunda entrevistada da série entre os três principais candidatos a presidente do "Jornal Nacional", a senadora Marina Silva (PV) se posicionou como uma síntese dos governos do PSDB e do PT.

O Brasil, segundo Marina, "teve um sociólogo que fez as transformações econômicas, um operário que fez as transformações sociais e eu para fazer as grandes transformações na educação". Marina lembrou sua origem humilde, analfabeta até a juventude que só entrou pela porta da frente na política brasileira por causa "da educação".

Segura, demonstrando controle da situação e com maquiagem discreta (antes da campanha, Marina não usava maquiagem), a candidata do PV disse que, embora represente um pequeno partido, terá mais facilidades para compor maioria no Congresso em seu eventual governo que os adversários Dilma Rousseff, do PT, e José Serra, do PSDB.

"Eles já estão tão comprometidos com as alianças que fizeram, que só poderão fazer mais do mesmo", criticou Marina.

A candidata do PV lembrou que o governo Fernando Henrique Cardoso foi refém, em seus oito anos de mandato, do Democratas (partido que à época ainda se chamava PFL). O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por seu turno, destacou Marina, foi refém do PMDB.

"Eu quero governar com a ajuda do PT e PSDB", declarou Marina, repetindo um compromisso que tem sido recorrente na campanha.

Cobrada por sua gestão no Ministério do Meio Ambiente, frequentemente acusada de retardar a concessão de licenças ambientais, Marina disse que enquanto foi ministra a média de concessão de licenças ambientais foi de 265 ao ano, contra uma média de 145 no governo anterior.

O momento mais difícil para a candidata, no decorrer da entrevista, foi quando o apresentador William Bonner, questionou sua atitude durante a crise do mensalão (escândalo da compra de votos, em 2005), quando muitos de seus colegas deixaram o PT, alguns, inclusive, às lágrimas.

Marina disse que não houve "conivência" e nem "silêncio" da parte dela, que preferiu ficar no PT "combatendo por dentro".

Marina disse que tanto dentro do governo como fora os que praticaram irregularidades - "eu não pratiquei" - no mensalão deveriam ser punidos. Só não teve a atenção que esperava do público e da mídia.

"Conheço milhares (de petistas) que não praticaram irregularidades", disse. Na opinião de Marina, "é preciso fechar as torneiras da corrupção enquanto ela está ocorrendo".

12 de agosto de 2010

SERRA JUSTIFICA ALIANÇA COM O PTB NO 'JN'

Cristian Klein, de São Paulo

O receio de fazer oposição ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva; a aliança contraditória com o PTB; a escolha de um deputado federal sem expressão para ser seu vice; e o alto preço dos pedágios em São Paulo. Foram estes os temas enfrentados por José Serra (PSDB), ontem à noite, na terceira sabatina do "Jornal Nacional", da TV Globo, com os candidatos à Presidência da República.

José Serra foi menos interrompido pelos apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes do que suas adversárias Dilma Rousseff (PT) e Marina Silva (PV), entrevistadas na segunda e na terça-feira. A sabatina teve um tom mais ameno, ainda que o tucano tenha sido posto diante de questões delicadas.

O momento mais difícil para Serra ocorreu quando Bonner o questionou sobre as contradições nas alianças realizadas pelo PSDB nesta disputa presidencial, sobretudo o apoio recebido do PTB. O partido tem entre seus líderes Roberto Jefferson, um dos protagonistas do escândalo do mensalão de 2005.

Numa tentativa de escapar pela tangente, José Serra chegou a afirmar inicialmente que o PTB não teria tido grande participação no episódio. O apresentador insistiu - lembrando que Roberto Jefferson teve até o mandato de deputado federal cassado - e Serra optou por minimizar o fato.

"Roberto Jefferson não é candidato. Não tenho compromisso com o erro. Não fico fazendo julgamento. Quem está comigo sabe o jeito que trabalho", disse.

Nas duas primeiras perguntas, Fátima Bernardes quis saber por que Serra, embora seja da oposição, evita comparar o atual governo do PT com a era FHC e por que não critica o presidente Lula - se isso seria um receio de enfrentar a popularidade de Lula.

"Lula não é candidato a presidente. A partir de 1º de janeiro não será mais. Quem estiver lá [na Presidência] terá que conduzir o Brasil, não poderá governar na garupa ou ser monitorado por terceiros. Estou focado no futuro. O Brasil tem problemas e coisas boas. Precisamos reforçar o que está bem e melhorar o que não está, como a saúde, a segurança e a educação. Meu foco não é Lula, que não está concorrendo", afirmou o tucano.

Nas duas últimas respostas, Serra negou a fama de centralizador; defendeu a escolha de seu vice, Índio da Costa (DEM-RJ), lembrando que o deputado foi um dos líderes da aprovação da Lei da Ficha Limpa; e criticou as condições das estradas federais ao justificar o preço cobrado nos pedágios das estradas de São Paulo.